



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Tatiana Siqueira Trindade

DANÇA CIRCULAR: INVENTANDO AFETOS E CONSTRUINDO MUNDOS

Santa Maria, RS, Brasil

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DANÇA CIRCULAR: INVENTANDO AFETOS E CONSTRUINDO MUNDOS



Tatiana Siqueira Trindade

Aonde leva esta dança

*...lhe direi em segredo
aonde leva esta dança.*

*Vê como as partículas do ar
e os grãos de areia do deserto
giram desnorteados.*

*Cada átomo,
feliz ou miserável,
gira apaixonado
em torno do sol.*

*Ninguém fala para si mesmo em voz
alta.*

*Já que todos somos um,
façamos deste outro modo.*

*Os pés e as mãos conhecem o
desejo da alma.*

*Fechemos então a boca e
conversemos através da alma.*

*Só a alma conhece o destino de
tudo, passo a passo.*

*Vem, se lhe interessa, posso
mostrar. Rumi*

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DANÇA CIRCULAR: INVENTANDO AFETOS E CONSTRUINDO MUNDOS

Tatiana Siqueira Trindade

Santa Maria, RS, Brasil
2017

Tatiana Siqueira Trindade

DANÇA CIRCULAR: INVENTANDO AFETOS E CONSTRUINDO MUNDOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como **requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Psicologia.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriane Roso

Coorientadora: Dra. Deisi Sangoi Freitas

Santa Maria, RS, Brasil
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Trindade, Tatiana Siqueira
Dança Circular: inventando afetos e construindo mundos
/ Tatiana Siqueira Trindade.- 2017.
59 p.; 30 cm

Orientadora: Adriane Roso
Coorientadora: Deisi Sangoi Freitas
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2017

1. Representações Sociais 2. Danças Circulares 3.
Universidade 4. Política 5. Visões de mundo I. Roso,
Adriane II. Sangoi Freitas , Deisi III. Título.

Tatiana Siqueira Trindade

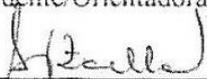
DANÇA CIRCULAR: INVENTANDO AFETOS E CONSTRUINDO MUNDOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

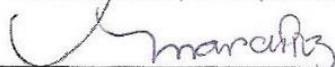
Aprovado em 11 de setembro de 2017:



Adriane Roso, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Andréa Vieira Zanella, Dra. (UFSC) – Parecer



Marcele Pereira da Rosa Zucolotto, Dra. (UNIFRA)

AGRADECIMENTOS

Em 2017, me deparei com a ideia de que na barriga da minha mãe eu já tinha todos os meus óvulos. Na sua barriga eu já tinha um pedaço (óvulo) dessa felicidade que me consome hoje: a minha filha crescendo, 7 meses de gestação, a Maya, sentimentos e emoções sem fim. Me dei conta que desde a barriga da minha mãe já vinha desenvolvendo tudo que sou hoje: as minhas vivências, percepções, afetos, memórias. E escrever é um ato que me consome integralmente. Saber pensar, sentir, escolher, viver, escrever etc faz parte de todo o contexto vivido e experienciado de 40 anos ou mais, pois “metade de mim” (óvulo) já estava na barriga da minha mãe quando ela estava sendo gestada pela minha avó. Não cabe no currículo, nas referências e muito menos nos agradecimentos tudo e todos que me teceram e me construíram e constroem na escrita ou na vida. Desta forma, resumidamente, me detenho a agradecer:

- à Adriane por me dar a oportunidade de ser a minha mestra, me guiar e acompanhar, inspirando a ir além.

- à Deisi por me inspirar andar no meu caminho, colori-lo e amá-lo.

- ao nosso lindo grupo SMIC/VIDAS pelos aprendizados e felicidades.

- à Anniara pela força, delicadeza, saberes e afetos compartilhados.

- à universidade pelo acolhimento e disponibilidade.

- aos livros pelas inspirações, aprendizados e felicidade.

- aos meus amigos pela paz, amor e alegria.

- aos encontros das danças circulares pelas movimentações nas visões de mundo, pelos giros de esperança, trocas e vivências felizes.

- ao Marcos por me inspirar a concretizar e contemplar com amor meus sonhos, me fazer vivenciar o nosso amor e materializá-lo para sempre, sendo a “outra metade” da nossa filha, a Maya.

- aos meus pensamentos e sentimentos por persistirem em ser encantados e coloridos.

- ao Jaerson, Juassema, Lucas e Fábio por me darem força e me constituírem todos os dias, sorrindo.

- ao universo, por conceder somente meus desejos verdadeiros, ignorando os supérfluos e passageiros.

RESUMO

DANÇA CIRCULAR: INVENTANDO AFETOS E CONSTRUINDO MUNDOS

AUTORA: Tatiana Siqueira Trindade
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Adriane Roso
COORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Deisi Sangoi Freitas

Essa dissertação teve como objetivo compreender os sentidos das danças circulares e os afetos produzidos no encontro com esta prática. Para tanto, elaboramos dois textos, em formato de artigo: “Dança Circular e Política: inventando mundos” e “Dança Circular: novos possíveis na universidade”. No primeiro texto, propõe-se a refletir sobre possíveis entrelaçamentos da prática de danças com a política na interface com certas cosmovisões. Situando-se na área da Psicologia Social Crítica, discute-se a relação da dança com os paradigmas da ciência propostos por Pedrinho Guareschi. Especificamente, sob o referencial de noção de política de Hannah Arendt, enfocou-se as danças circulares como potência política. Percebemos que as experiências das danças circulares criam possibilidades de visões de mundo, inventando formas de vivenciar a política, uma vez que a política proposta por Arendt é produzida em conjunto, na pluralidade. No segundo texto, objetivou conhecer como a experiência da prática das danças circulares, em uma disciplina de graduação do Curso de Pedagogia, afeta o sujeito no contexto universitário. Contamos com perspectiva crítica da Psicologia Social e elementos da Teoria das Representações Sociais, buscando, especificamente, compreender de que formas as vivências na disciplina abrem novos possíveis para os acadêmicos. Por meio dos seus relatos nos diários de aula e diários de campo, concluímos que as experiências da disciplina movimentam representações sociais e possibilitam surtir experiências sensíveis tanto na universidade, como de ser e estar no mundo. Portanto, a dança circular, nesta pesquisa, potencializa a reflexão crítica de construções de espaços que possam inventar afetos e desenvolver outras possibilidades de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Representações Sociais. Danças Circulares. Universidade. Política. Visões de mundo.

ABSTRACT

CIRCULAR DANCE: INVENTING AFFECTS AND BUILDING WORLDS

AUTORA: Tatiana Siqueira Trindade
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Adriane Roso
COORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Deisi Sangoi Freitas

This dissertation had the objective of comprehending the meanings of the circular dances and the affection produced by its practice. Therefore, we elaborated 2 texts: “Circular Dance and Politics: inventing worlds” and “Circular Dance: new possibilities at the university”. This text proposes a reflection about possible intertwining of the practice of dances with the politics in the interface with certain cosmovision. Through Critical Social Psychology we discuss the relation between dancing and science’s paradigms, proposed by Pedrinho Guareschi. Specifically, under Hannah Arendt's notion of politics, circular dances were focused as political potency. It is concluded that the experiences of circular dances moves possibilities of worldviews, inventing ways of experiencing politics, dances and the world, since the politics as proposed by Arendt is produced jointly, in plurality. The second text, of qualitative approach, has the objective of perceiving how the experience of a discipline that proposes the practice of circular dances affects the person at the university context. The Critical Social Psychology and the Theory of Social Representations were used, in the search of specifically understanding the ways that the practice at the discipline opens new possibilities to the academics. Through the student’s narratives in their class diaries and field diaries, we’ve concluded that the experiences of the discipline move social representations and enables sensitive experiences, both inside and outside the university, as well being in the world. Therefore, circular dance, in this research, enhances the critical reflection of constructions of spaces that can invent affection and develop other possibilities being in the world.

Keywords: Social Representations. Circular Dance. University. Politics. Cosmovisions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
TEXTO 1: DANÇA CIRCULAR E POLÍTICA: INVENTANDO MUNDOS.....	12
TEXTO 2: DANÇA CIRCULAR: NOVOS POSSÍVEIS NA UNIVERSIDADE.....	38
DISCUSSÃO.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

As danças circulares, uma das modalidades expressivas da arteterapia, é utilizada como um meio de promover diálogos da consciência com o inconsciente e para potencializar o contato com alguns conteúdos inconscientes (PHILIPPINI, 2013). Como parte dos repertórios com trabalhos grupais, sejam oficinas e aulas que não abranjam a arte, o propósito das danças circulares é facilitar o estar presente, a quietude da mente e do corpo, o encontro das pessoas com elas mesmas e com o grupo, por ser um dispositivo de meditação, relaxamento e fraternização (WOSIEN, 2000).

As danças circulares por terem como um dos objetivos o encontro consigo mesmo e com o grupo (BARTON, 2012; DUBNER, 2015; FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004; WOSIEN, B., 2000) podem oferecer, além do ato de dançar, apoios, acolhimentos e confraternizações, como lanches e rodas de conversas com a finalidade de compartilhar sentimentos, percepções e ou aprendizados sobre a experiência. A poética do universo das danças circulares também tem potencial de gerar saúde. Uma saúde que é contemplada na sua integralidade. Integralidade que permite ver o sujeito como um todo indivisível (física, emocional, mental, espiritual) e integrante de uma comunidade (social) (FRACOLLI et al, 2011). Nas práticas das danças, o grupo pode ganhar forma rapidamente, ganhar autonomia, assim como os participantes ganham, decidem, escolhem e direcionam os temas nas rodas de conversas. O corpo se experimenta com os pensamentos, emoções e sentimentos, e, por sua vez, os pensamentos, emoções e sentimentos se materializam nos signos e símbolos expressos pelo corpo. Partes reprimidas e inconscientes se expandem e se reconhecem nos movimentos. Corpo, mente, emoção se implicam inseparáveis, o contexto ganha importância, o grupo se reconhece como fundamental.

Para Castro (2006), a dança tem sido cada vez mais utilizada como dispositivo da saúde pelos profissionais, abrindo espaços potencializadores na psiquiatria e na saúde mental, pois, proporciona, ressalta a autora, encontros com o corpo, com as emoções, com os pensamentos e a criação individual, ao mesmo passo que o social é contemplado no grupo, pelo sentimento de pertença e a quebra da cultura de isolamento, permitindo a integralidade do sujeito. Potências de saúde que colaboram com uma proposta de psicologia social crítica da saúde (ROSO, 2007; SPINK, 2003). Contudo, mais que enfatizar a integralidade, a dança e a arte na qual trabalho, propõe permitir que as pessoas experimentem outros ângulos, recomponham suas referências antigas, sendo mais que tornar consciente o inconsciente, que ter um retorno aos traumas da infância e uma suposta interioridade com o outro, é entrar em contato com um “corpo vibrátil”

(ROLNIK, 2015, p. 2), que desmistifica a solidão do indivíduo e o coloca no encontro com outros. Uma alteridade que é capaz de criar nesse encontro desestabilizações de ser e estar no mundo, que podem abrir potências de criação, isto é, produzir novas possibilidades de ser e existir, expandindo a vida.

Para nos aproximarmos mais do universo das danças circulares, realizamos uma pesquisa de artigos publicados na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Para tanto, utilizamos a palavra “dança”. Em junho de 2016, o site nos apontou 157 artigos contendo esta palavra. Na sua maioria, estes artigos são das áreas da Educação Física (42 artigos) e apenas 17 da Psicologia. Desses 157 artigos, somente seis artigos se referiam às danças circulares. Três desses são da área da educação, dois da educação física e um da enfermagem, ou seja, nenhum da Psicologia. No intuito de nos aprofundarmos mais na pesquisa sobre as danças circulares recorreremos a biblioteca digital Vêrsila¹, que concentra acervos abertos acadêmicos do hemisfério sul. Inaugurada em novembro de 2015, a biblioteca reúne e oferece gratuitamente milhões de itens digitais de produção científica. Neste site, em agosto de 2016, a pesquisa com a palavra “dança” informou 2.426 itens digitais. Com as palavras “Dança Circular” foram encontrados 21 trabalhos, quatro trabalhos dos quais eram repetidos e dois não se tratavam de danças circulares, restando 15. Destes 15 trabalhos, cinco artigos se encontram na busca citada anteriormente na base de dados SciELO. Além destes, foram encontradas duas teses de doutorado, quatro dissertações de mestrado, um trabalho de conclusão de curso, um artigo e dois trabalhos apresentados em seminários. Então, como resultado final da pesquisa, obtivemos 16 materiais, que serão lidos (ou já foram) na íntegra, de modo a contribuir com o entendimento de nosso objeto de estudo.

Curiosamente, dos 16 trabalhos identificados nas bases de dados analisadas, mencionados sobre a dança circular, oito trabalhos são da área da Educação. E dentre estes oito trabalhos da área de Educação, cinco destes recorrem às teorias da Psicologia para sua análise. Quatro utilizam a Teoria Analítica de Jung e um a Teoria da Psicologia Histórico-Cultural. Sendo que os anos de publicação datam de 2005 a 2015, cinco são do ano de 2014, três de 2012 e três em 2010, sendo que o resto se distribui unicamente.

Diante dessa busca, percebemos que as pesquisas sobre danças circulares são recentes e estão em ascensão no Brasil, como enfatiza Deborah Dubner (2015, p 17), “o círculo é claramente o formato do século XXI” e as danças circulares estão em expansão no Brasil

¹ A Biblioteca Digital Vêrsila foi incorporada por uma empresa dos EUA e encerrou suas atividades em 1 de setembro de 2016.

(DUBNER, 2015) e no mundo (BARTON, 2012). Assim, o presente trabalho pretende contribuir para um melhor entendimento das formas de produzir e constituir esse universo das danças circulares.

No século VI, o filósofo Confúcio proferiu: “mostre-me a dança e a música de um povo e eu lhes direi o estado de saúde, da moral e do governo deste povo” (STEN, 1989, p. 08). Confúcio, neste sentido, sugere uma conexão entre saúde, cultura, política, sociedade e dança. Será possível essa conexão? O que a dança tem a dizer sobre nossa civilização? Por que se dançou/dança? Qual o propósito da dança circular, o que ela quer dizer? Qual a relação da dança com a psicologia? Quem dança? Qual o sentido da dança para as pessoas? O produzem nesse sujeito que a busca?

Os olhares, os discursos, as representações sociais e as práticas sobre corpo, dança e civilização têm se modificado ao longo dos tempos e culturas. A história nos conta desses saberes que vêm se transformando para atender as demandas de como o ser humano se relaciona com o mundo. Tonet (2013) ressalta que os mundos, sujeitos, razões e relacionamentos mudam. As formas de lidar e conhecer se dinamizam e as lógicas dessas relações vão se tornando até mesmo incompreensíveis em outras épocas e contextos. Como exemplo, podemos pensar que alguns mitos, crenças e formas mágicas necessárias para algumas resoluções e entendimentos perdem totalmente a sua praticidade em nossos tempos. O autor sinaliza: “A **razão** do mundo greco-medieval é a razão do **mundo** greco-medieval. Assim como a **razão** do mundo primitivo é a razão do **mundo** primitivo e a **razão** do mundo moderno é a razão do **mundo** moderno” (ibid, p. 21, grifo do autor). Sujeitos que aparecem e desaparecem em um mundo que existia antes da sua chegada e depois da sua partida, porém, um mundo do qual “somos, e não apenas estamos nele”, constantemente alteramos e somos alterados (ARENDDT, 2013, p. 19).

As pessoas mudam, o mundo muda, o corpo muda, as práticas de ser e existir, da mesma forma, se transformam. Há séculos o corpo vem sendo representado separado das emoções. Mente e corpo são vistos desassociados, sendo mais valorizada a lógica racional e o corpo exaltado na sua disciplina, na sua estrutura como máquina e na sua imagem e beleza (VIGARELLO, 2012). Enquanto novas invenções de representações dicotômicas de corpo e mente são potencializadas, surgem movimentos, como *new age*, que se destaca por uma visão de mundo mais holística, vendo o ser humano como um todo (CASTRO, A., 2007).

Neste cenário, emerge o movimento das danças circulares. Movimento que foi iniciado em 1976, na Escócia, pelo professor de dança Bernhard Wosien. Estudioso de danças folclóricas tradicionais, Bernhard percebeu que essas danças criavam um clima de união, celebração e harmonia nos grupos, sendo utilizadas em muitas ocasiões especiais e culturais:

como casamento, nascimento, colheita, entre outros. Aprendeu as danças dos pequenos povos da Europa, fez uma compilação e levou-as para uma comunidade em Findhorn, na Escócia, ensinando-as. Dessa realização, resultaram aprendizes que espalharam essa prática pelo mundo (FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004).

Hoje, as danças circulares podem ser definidas como danças tradicionais, ritualísticas ou contemporâneas dançadas em roda, nas quais contemplam o movimento do corpo com envolvimento emocional, mental, social e espiritual, permeando a integralidade dos sujeitos (FRANCES; BRYANT-JEFFERIES, 2004). Para o criador do movimento, essas danças têm funções terapêuticas e de cura, pois provocam a possibilidade de mudar a ordem do pensamento, movendo sentidos, alterando ritmos, propondo outros modos de sentir, pensar, de se perceber em uma nova relação com o corpo (WOSIEN, 2000). Para Dubner (2015) as danças circulares transformam a consciência corporal, espacial, temporal e social. Sendo uma via de expressão do corpo, de sentimentos, de pensamentos e de emoções, modificam a forma como olhamos a nós mesmos e percebemos nossos movimentos cotidianos na relação conosco, com os outros e com o mundo. Nesta visão, as danças circulares propõem um reconhecimento da não dicotomia corpo e mente, social e individual, emoção e razão, potencializando outras representações de ser e existir. Podemos pensar que, na medida em que as danças circulares convidam, na sua prática, o despertar de elaborações, diálogos e ações coletivas voltadas para transformações pessoais, grupais e sociais acabam proporcionando delineamentos políticos. Pois, na Teoria política de Hannah Arendt é necessário o pensar e o diálogo e a ação das pessoas em conjunto, com a finalidade de construir formas de vida que incluam as diversas necessidades e expectativas em suas diferentes épocas e contextos.

Rolnik (2015), no seu artigo “Lygia Clark e o híbrido arte/clínica” descreve algumas propostas de intervenções desta artista, nas quais viabiliza o espectador a participar da obra, afetar e ser afetado por ela, dinamizando transformações. Para a autora, a arte, na medida em que propõe experimentações, e incluímos a dança, afeta os sujeitos que a experienciam, pelo potencial de contato com outras sensibilidades, podendo encontrar outras possibilidades de existência e expansão da vida. Neste viés, Rolnik (2006) faz uma discussão entre clínica (psicanalítica), arte e política, na qual, intervenções artísticas não farão somente parte da área da arte, nem da clínica e nem da política, mas se encontram e se engendram.

Para as autoras Marina Guzzo, artista, e Mary Jane Spink, psicóloga social, (2015), a dança vai estar contida numa dimensão política, a partir do momento em que esta engendra-se na produção de modos de estranhar e rever orientações de ser e existir. Produzindo instâncias, que ao pensar e agir sobre elas, os sujeitos podem transformar o mundo, ao mesmo passo que

são transformados por ele. Neste sentido, a dança torna-se um espaço político, quando as pessoas, a partir dos espetáculos ou experimentações se apropriam de novas formas de relações, visões de mundo e ações. Estabelecendo meios de desenrijar, elucidar ou desconstruir representações de pensar, ser e existir. Assim, mesmo que os propósitos de algumas artes não pretendem ser atos políticos, cabe questionar se as reverberações e transformações incitadas podem ter ressonâncias nessa esfera.

Ainda que a prática da dança circular seja pensada por psicólogas (os) em publicações (e.g. ANDRADA, 2015; DUBNER, 2015), ressaltamos que ela não é reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia como uma das atividades integrante da ocupação de psicólogas (os) (c.f., BRASIL, 1962). Todavia, a partir da nova Portaria n. 849, de 27 de março de 2017 (BRASIL, 2007), a dança circular começa a fazer parte do rol das Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Assim, o uso da arte, tal como a dança, tem sido empregada como um recurso adicional aos contextos psicoterápicos, a exemplo da arteterapia (e.g. REIS, 2014; AATESP, 2010). A presença dos profissionais da psicologia em domínios pouco ortodoxos do campo psi anuncia as dificuldades de regulamentação de um campo de fronteiras tão porosas como é o psicológico e, com isso, o Conselho Federal de Psicologia tem promovido, ao longo dos últimos anos, debates entre a categoria, envolvendo as terapêuticas não-convencionais, designadas de modo impreciso por terapias alternativas ou emergentes (TAVARES, 2003).

Ao aproximarmos a dança da Psicologia e tomá-la como objeto de estudo científico, estamos corroborando com as preocupações epistemológicas apontadas por Gauer, Souza, Dal Molin e Gomes (1997, p.30), de que devemos estar atentos “para a necessidade da investigação empírica das técnicas alternativas” na Psicologia. Acreditamos que as danças circulares, pelas suas potencialidades, podem se apresentar como uma prática de dança que não se define unicamente como uma modalidade de dança ou política e nem somente como uma técnica terapêutica, que poderia ser apreendida pela psicologia, mas habita nesse “entre”, nesse espaço que produz hibridações da dança com outras práticas. Podendo, assim, potencializar movimentos nas dimensões do sujeito, do outro e do mundo.

Para nos aproximarmos desse “entre”, desse encontro que se faz entre a psicologia e as danças circulares, nos apoiaremos na perspectiva da Psicologia Social Crítica (PSC) e na Teoria das Representações Sociais (TRS) (MOSCOVICI, 2013), nas suas abordagens processual e dialógica, que entendem o fenômeno das representações sociais como processos dinâmicos, dialógicos e relacionais, que permitem integrar a relação entre o sujeito, o outro e o objeto. O sujeito não é constituído nem pela sua interioridade e nem pela sociedade, mas na relação entre os dois (JOVCHELOVITCH, 2008). Tanto para PSC quanto para TRS, o sujeito é visto de

forma psicossocial, vinculado ao coletivo, às relações cotidianas e às construções sócio-históricas (GUARESCHI, 2005), o foco não é somente o indivíduo, nem tão pouco só na sociedade, mais precisamente naquela “zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois” (JOVCHELOVITCH, 2004, p.21). Desta forma, as abordagens permitem contemplar algumas das dimensões despertadas pela prática das danças circulares como o afeto, a alteridade, a integralidade do sujeito, o corpo, o ato político e as visões de mundo. Visto que, as danças circulares podem ter inúmeros vieses potenciais que a abarcam, como toda arte.

Assim, a dissertação objetiva compreender os sentidos das danças circulares e os afetos produzidos nos encontros com a dança. Para tanto, serão apresentados dois textos, construídos em formato de artigos. O primeiro, situando-se na área da Psicologia Social Crítica, foi intitulado “Dança Circular e Política: inventando mundos”. Neste estudo, propõe-se a refletir sobre possíveis entrelaçamentos da prática de danças com a política na interface com certas cosmovisões, discutindo a relação da dança com os paradigmas da ciência propostos por Pedrinho Guareschi. Especificamente, sob o referencial de noção de política de Hannah Arendt, enfocou-se as danças circulares como potência política. O segundo, nomeado de “Dança Circular: novos possíveis na universidade”, objetivou conhecer como a experiência da prática das danças circulares, em uma disciplina de graduação do Curso de Pedagogia, afetam o sujeito no contexto universitário. Neste estudo, contamos com elementos da TRS e da perspectiva crítica da Psicologia Social (ARRUDA, 2014; GUARESCHI, P.; ROSO, 2014; GUARESCHI, 2005; JODELET, 2009; JOVCHELOVITCH, 2008, 2004), buscando, especificamente, compreender de que formas as vivências na disciplina abre novos possíveis para os acadêmicos.

A pesquisa contou com diários de aula dos universitários que participaram da disciplina que propõe a prática das danças circulares, denominada Dança dos povos: um exercício para a paz, do Curso de Pedagogia noturno da UFSM. Os diários dos estudantes foram confeccionados por estes e entregue ao final da disciplina, como avaliação parcial, contendo os relatos das vivências de todas as aulas do semestre. Da mesma forma, fez parte da pesquisa o diário de campo da pesquisadora, que participa desde 2014 desta disciplina ministrando algumas aulas, semanalmente, e por uma estudante de iniciação científica (IC) que participa do grupo de pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação” (SMIC)² e acompanha esta pesquisa e as aulas da disciplina.

Visando atender os objetivos propostos, a dissertação foi estruturada, a partir de dois textos que seguem as normas das revistas, nas quais pretendemos submetê-los, após apreciação

² O SMIC integra oVIDAS - Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Psicologia Social Crítica.

e sugestões da Comissão Examinadora da Dissertação. Após, foi elaborada uma discussão geral e finalizada com as considerações finais. Espera-se, com este trabalho, contribuir para a mobilização crítica desse encontro entre a Psicologia Social e as danças circulares. Além disso, almeja, com esta pesquisa, levantar subsídios para a sugestão de elementos para o aprimoramento de práticas que permitam a transformação e expansão da vida. Pois, como Confúcio sugeriu: pode-se entender uma civilização a partir das suas práticas de danças.

TEXTO 1: DANÇA CIRCULAR E POLÍTICA: INVENTANDO MUNDOS³

³ O texto será encaminhado para avaliação à Revista Psicologia Política. Normas disponíveis em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1519-549X

DANÇA CIRCULAR E POLÍTICA: INVENTANDO MUNDOS

DANZA CIRCULAR Y POLÍTICA: INVENTANDO MUNDOS

CIRCULAR DANCE AND POLITICS: INVENTING WORLDS

RESUMO

Este artigo propõe-se a refletir sobre possíveis entrelaçamentos da prática de danças com a política na interface com certas cosmovisões. Situando-se na área da Psicologia Social, a partir de uma abordagem crítica, discute-se a relação da dança com os paradigmas da ciência, a saber, paradigmas liberal capitalista, coletivista-totalitário e comunitário-solidário. Especificamente, sob o referencial de noção de política de Hannah Arendt, enfocaram-se as danças circulares como potência política. Conclui-se que as experiências das danças circulares movimentam possibilidades de visões de mundo, inventando formas de vivenciar a política, as danças e o mundo, uma vez que a política proposta por Arendt é produzida em conjunto, na pluralidade.

Palavras-chave: danças circulares; visão de mundo; política

RESUMEN

Este artículo se propone reflexionar sobre posibles entrelazamientos de la práctica de danzas con la política en la interfaz con ciertas cosmovisiones. Situándose en el área de la Psicología Social, a partir de un enfoque crítico, se discute la relación de la danza con los paradigmas de la ciencia: paradigmas liberal capitalista, colectivista-totalitario y comunitario-solidario. Específicamente, bajo el referencial de noción de política de Hannah Arendt, se enfocó las danzas circulares como potencia política. Se concluye que las experiencias de las danzas circulares mueven posibilidades de visiones de mundo, inventando formas de vivir la política, las danzas y el mundo, una vez que la política propuesta por Arendt se produce en conjunto, en la pluralidad.

Palabras clave: danzas circulares; visión de mundo; política

ABSTRACT

This article proposes to reflect on possible interlacings of the practice of dances with the politics in the interface with certain worldviews. Situating in the area of Social Psychology, from a critical approach, it discusses the relationship of dance with the paradigms of science, namely, capitalist liberal, collectivist-totalitarian and community-solidarity paradigms. Specifically under Hannah Arendt's notion of policy notion, circular dances were focused as a political power. It is concluded that the experiences of circular dances move possibilities of worldviews, inventing ways of experiencing politics, dances and the world, since the politics proposed by Arendt is produced jointly, in plurality.

Keywords: circular dances; worldview; politics

Introdução⁴

No século VI a.C., o filósofo Confúcio proferiu: “mostre-me a dança e a música de um povo e eu lhes direi o estado de saúde, da moral e do governo deste povo” (Sten, 1989, p. 08). Confúcio, neste sentido, sugeriria uma conexão entre política e dança? O que a dança tem a dizer sobre nossa sociedade? São essas questões que impulsionam este artigo a versar sobre as relações entre dança, dança circular e política. Para isso, iniciamos com uma fábula antiga, conhecida, com variadas versões e recorrentemente contada nas práticas de danças circulares, não sendo informada a origem e o autor.

Uma enorme mobilização acontecia naquela cidade. Muitos vieram de longe, a praça estava cheia, todos alvoroçados e cheios de expectativas. Passaram dias conversando e

⁴ Este artigo apresenta resultados da pesquisa da dissertação de mestrado “Dança Circular: inventando afetos e construindo mundos”. Pesquisa que se insere no projeto de pesquisa “Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões” (CAAE 45518415.5.0000.5346 - CEP/UFSM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

elaborando perguntas ao grande sábio. Enfim, chegou o dia, e iriam ter as respostas para os seus questionamentos e impasses. Na presença calma e silenciosa do esperado mestre, instaurou-se um silêncio, que parecia ainda mais perturbador e tenso. O sábio começou a cantarolar, e, gradualmente, a multidão foi se acalmando e se envolvendo, acompanhando a canção. Levantou-se, deu as mãos às pessoas próximas, até que, formando uma roda, começaram a dançar. Outros círculos, em torno dos círculos, foram se estabelecendo até que todos dançavam. As pessoas permaneceram, por horas, de mãos dadas, dançando, unidas, alegres e tranquilas. Até que o sábio sentou novamente e falou, num tom suave: “espero ter sanado todas as suas dúvidas”. E as pessoas sentiram a experiência de forma tão recompensadora e profunda que reconheceram que tiveram a resposta para todos os dilemas das suas vidas.

Essa fábula parece ir ao encontro do que Nietzsche escreveu sobre as forças apolíneas e dionisíacas no seu livro *Nascimento da Tragédia*: na medida em que se rompem as delimitações criadas entre os seres humanos, eles tornam-se livres, sem mais precisar ter necessidades, sofrer arbitrariedades e modas impostas. Sem barreiras, as pessoas sentem-se mais que conciliadas e fundidas, sentem-se uma só, reconhecendo-se como membros de uma comunidade superior, nas quais são mais que artistas que dançam e cantam, tornam-se a própria “obra de arte: a força artística de toda a natureza” (Nietzsche, 1992, p. 31).

As danças de roda dos povos nasceram de comunidades, do ímpeto do ser humano de expressar emoções e sentimentos e de se reconhecer como um todo, confortar-se mais que unificado e ligado pelas mãos, tornar-se um. Como na fábula, vai da agitação ao silêncio, do vazio à experiência profunda, da solidão ao encontro, dos problemas às resoluções. Em conjunto, pôde ser vivenciada a força da roda, a força de toda a natureza. Em conjunto, o ser humano não é sozinho, é relação.

Bernhard Wosien, bailarino, coreógrafo e professor de balé, pesquisando sobre danças dos pequenos povoados da Europa, vivenciou diversas culturas e suas danças de roda.

Acostumado com danças dos palcos, clássicas e sofisticadas, presenciou, nessa peregrinação, danças que nasceram de comunidades. Encantou-se ao reconhecer que existia uma enorme vibração, uma imensa força nessas práticas. Danças nas quais “as pessoas encontram-se num círculo, olham-se”, rituais que retratam a “essência de um povo e a sua tradução artística”, danças “com efeito curativo e terapêutico” que passam do sentido “singular para o comunitário para estar junto em vibração”. Danças que traduzem povos, seu “caráter, a imagem anímica, a vida e seus enraizamentos” (Wosien, 2000, p. 109).

Assim, Wosien (2000) torna-se um estudioso dessas danças, apropriando-se de coletâneas de músicas, danças, mitos, poesias e rituais tradicionais de diferentes comunidades, com a finalidade de entender, conhecer e resgatar essa atividade, transmitindo-a para outras civilizações (Wosien, 2000). As primeiras experiências do seu trabalho com as danças circulares foram na comunidade de Findhorn, Escócia, e pela notoriedade que tiveram, foram espalhadas pelo mundo através das pessoas que entraram em contato com Wosien e sua prática (Barton, 2012).

Para Deborah Dubner (2015, p. 17), “o círculo é claramente o formato do século XXI”, época em que se procura minimizar e dissolver as práticas lineares. Como na fábula do mestre sábio, as “respostas” não querem ser encontradas em um mestre superior, mas dentro de cada um, na medida em que existem oportunidades de compartilhar, pois “ter consciência de que fazemos parte de uma grande rede está se tornando a maneira natural de interagir” (Dubner, 2015, p. 17). Podemos pensar que, neste viés, as práticas de pessoas juntas, em círculos, em grupos, sejam virtuais ou não, difundem-se rapidamente na nossa sociedade, como, por exemplo, as atividades de danças circulares que se encontram em expansão no Brasil (Dubner, 2015) e no mundo (Barton, 2012). Danças que, segundo Anna Barton (2012), têm como intuito despertar as sensações de pertencimento e confiança, pelas quais é possível todos dançarem juntos solidariamente, reconhecendo-se como parte do todo, na medida em que mantêm contato

com o local, com outros participantes, assim como um contato interno. Além disso, ensejam benefícios que vão além da prática, pois as qualidades despertadas nas danças podem ser incluídas no cotidiano.

Dubner (2015) acredita que, do mesmo modo que Findhorn que foi uma terra fértil para o nascimento do movimento das danças circulares, o Brasil está sendo, pois houve “uma grande expansão! São dezenas de focalizadores, milhares de danças, centenas de rodas” (p. 189) no país. E complementa: “é no Brasil que o sonho dançante e terapêutico de Bernhard Wosien se manifestou. Porque é aqui, nas praças, hospitais, escolas, centro de saúde e outros locais públicos e privados que as rodas se multiplicam” (Dubner, 2015, p. 189).

Ainda que a dança circular não seja um método psicoterapêutico previsto na lei que regulamenta a profissão de psicóloga(o) (Lei Nº 4.119, 1962), recentemente entrou no rol das Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (Portaria nº 849, 2017) e tem sido pensada por psicólogas(os) em publicações (e.g. Andrada, 2015; Dubner, 2015). A presença dos profissionais da psicologia em domínios pouco ortodoxos do campo psi anuncia as dificuldades de regulamentação de um campo de fronteiras tão porosas como é o psicológico e, com isso, o Conselho Federal de Psicologia tem promovido, ao longo dos últimos anos, debates entre a categoria, envolvendo as terapêuticas não convencionais, designadas de modo impreciso por terapias alternativas ou emergentes (Tavares, 2003).

Ao aproximarmos a dança da Psicologia e tomá-la como objeto de estudo científico, estamos corroborando as preocupações epistemológicas apontadas por Gauer, Souza, Dal Molin e Gomes (1997, p.30), de que devemos estar atentos “para a necessidade da investigação empírica das técnicas alternativas [sic]” na Psicologia. Acreditamos que as danças circulares, por suas potencialidades, podem se apresentar como uma prática de dança que não se define unicamente como uma modalidade de dança ou política nem somente como uma técnica terapêutica, que poderia ser apreendida pela Psicologia. Essa prática habita nesse “entre”, nesse

espaço que produz hibridações da dança com outras práticas, podendo, assim, potencializar movimentos nas dimensões do sujeito, do outro e do mundo.

A teoria política de Hannah Arendt (2013), apesar de não aprofundar o conceito de comunidade e muito menos estudar a dança, elucida a importância de estarem disponíveis espaços públicos para que as pessoas possam comunicar-se e posicionar-se sobre seus modos de existência. Para a autora, é essencial, para a política, o pensar, o diálogo e a ação das pessoas em conjunto, com a finalidade de construir formas de vida que incluam as diversas necessidades e expectativas em suas diferentes épocas e contextos.

Diante disso, este artigo propõe-se a refletir sobre possíveis entrelaçamentos da prática de danças com a política na interface com cosmovisões, de modo a problematizar as danças circulares como potência política. Primeiramente, serão explorados três diferentes paradigmas que regem a nossa sociedade, segundo Pedrinho Guareschi (1998, 2008): liberal capitalista, coletivista-totalitário e comunitário-solidário. Ainda que essa divisão tenha um cunho mais “didático” do que expressivo da complexidade dos fenômenos sociais, ela contribui para pensarmos sobre as visões de mundo, os comportamentos e as relações que eles geram, e organizarmos uma reflexão analítica que inclui aspectos históricos e políticos.

Semelhantes ao paradigma, as cosmovisões compõem-se de quatro elementos: a concepção de ser humano, a dimensão ética, a dimensão social e a dimensão das condutas, dos comportamentos e das relações. Nas sociedades ocidentais modernas, usualmente, predomina o primeiro paradigma, ainda que coexista com os demais. Em seguida, discutimos a relação da dança com o pensamento político de Hannah Arendt e os diferentes paradigmas, descritos por Guareschi. E, por fim, exploramos os aspectos que nos auxiliam a pensar as potencialidades políticas nas práticas das danças circulares, de modo a entender os processos nos quais são possíveis vivenciar e apreender visões comunitárias e solidárias, que poderão ser transpostas para o cotidiano, apostando na transformação do mundo.

Na medida em que as danças circulares são práticas sociais e têm conexões com as comunidades, com as culturas e com o meio ambiente, assim como intencionam alteridade, sentimento de pertença e transformações que acontecem no cotidiano, acreditamos que os pensamentos de autores da Psicologia Social Crítica (e.g., Guareschi, 2008, 2005, 1998; Moscovici, 1998; Jovchelovitch, 2008, 2004) podem contribuir com as nossas reflexões. Nestas abordagens, o sujeito não é constituído nem pela sua interioridade nem pela sociedade, mas na relação entre os dois (Jovchelovitch, 2008), mais precisamente naquela “zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois” (Jovchelovitch, 2004, p.21). O sujeito é visto de forma psicossocial, é coletivo e constitui-se nas relações cotidianas e nas construções sócio-históricas (Guareschi, 2005). Compreender as “respostas” que a prática das danças circulares disponibiliza, como na fábula do mestre sábio, e as aspirações e inspirações que as pessoas buscam através dela é entender os seres humanos e seus anseios e poder contribuir para transformar as nossas práticas, visões de mundos e relações sociais.

Circulando pelos paradigmas

A concepção que temos hoje de indivíduo como um ser separado da sociedade nem sempre existiu. Nas comunidades ditas “tradicionais”, não faz sentido alienar as pessoas dos seus grupos; suas imagens estão atreladas a papéis, como parte de uma família, tribo ou Estado. Não que as pessoas sejam desconsideradas das suas particularidades; porém, é dispensável pensar numa individualização, pois o sentido de integridade grupal representa um papel preponderante sobre as lógicas individuais. A sobrevivência da comunidade, tanto física, quanto de memória coletiva, depende de e sustenta-se na união (Elias, 1994).

Com o desenvolvimento da nossa sociedade, transformam-se esses vínculos que subordinam e unem as pessoas às comunidades, e o indivíduo passa a ser o principal

protagonista como um ser social. As qualidades pessoais, a liberdade individual e os esforços das pessoas passam a ser os seus principais guias (Arendt, 2013). Na busca individual, livre e autônoma, tornam-se dispensáveis a união das pessoas e, portanto, a comunidade. “Cada um cuida de si, deixando ‘Deus’ cuidar de todos” (Guareschi, 1998, p. 152), instaurando, assim, os preceitos do paradigma liberal capitalista (individualista), fortemente presente na nossa sociedade.

Nessa cosmovisão, segundo Pedrinho Guareschi (1998, 2008), o ser humano porta-se como um indivíduo uno, que não precisa dos demais, é ele por ele mesmo. É isolado de todas as outras pessoas, separado, não fazendo sentido sua ligação com o resto. Fechado em si mesmo, é o único responsável pelas suas formas de existência. Com isso, a concepção de sociedade configura-se na soma de indivíduos, que precisam ser encarregados por si mesmos a lutarem pelo seu sucesso. Esse *status* caracteriza-se, especialmente, por relações individualistas, egocêntricas, excludentes e competitivas. “Na máquina liberal em que nós estamos, sempre tem que haver excluídos... não há espaço para colaboração, cooperação e solidariedade. Vale a lei do mais forte” (Guareschi, 2008, p. 30).

Na direção oposta do individualismo, Guareschi (1998, 2008) conceitua outro paradigma, o coletivista-totalitário, em que “não interessa o ser humano em si”, pois este “é um pedaço de um todo, é “uma peça da máquina” (Guareschi, 2008, p. 30). As pessoas que não se enquadram são descartadas, excluídas, somente o todo importa: “o grupo, a organização, a instituição, o partido, o Estado” (Guareschi, 2008, p. 30). Esse paradigma concebe a sociedade como “uma coisa só”.

Esta crença em prol do coletivo e totalitário caracteriza-se pelo anonimato, transformando “as pessoas em coisas, onde a ordem, a organização, estão acima de tudo” (Guareschi, 2008, p. 31). “Para este olhar, o outro não existe, e com seu desaparecimento simbólico, comunidades são destruídas, direitos individuais postos em questão, saberes sociais

tornam-se uma ameaça, e o viver, de fato, torna-se um inferno” (Jovchelovitch, 1998, p. 82). Como no nazismo e no fascismo, o que importa é a nação (Guareschi, 1998, 2008).

O terceiro paradigma descrito por Guareschi (1998, 2008) é denominado comunitário-solidário. Nessa cosmovisão, a pessoa é entendida, mais que em relação com as outras pessoas, pela forma como ela própria se constitui na relação. Ela é relação; um “ser relação”. As pessoas são vistas em construção umas com as outras, caracterizando-se pela solidariedade e cooperação (Guareschi, 2008). Não é coletivista, nem individualista, mas comunitária, baseada numa relação de alteridade na qual o ser humano dialoga com o outro para “ser” (Guareschi, 1998). “A participação se dá em nível simétrico a partir da ação e do diálogo comunicativos” (Guareschi, 2008, p. 33). A construção do que se é e do que pode vir a ser só é possível no reconhecimento da pluralidade nas relações sociais, marcada pelo encontro permanente e incessante com muitos outros que configuram a cultura (Zanella, 2005).

O sociólogo Michel Maffesoli (2006) apresenta reflexões sobre um processo de saturação do individualismo na pós-modernidade, um esgotamento de uma identidade isolada, fechada em si mesma, que denomina desindividualização. Emerge, nessa insatisfação, uma busca de relações baseadas na alteridade, em conexões de afetividade e interesses em comum com outros. A procura por essa conexão com o outro se dá através dos sentimentos em comunidades locais. Neste ensejo, para o autor, é visto que hoje as pessoas transitam entre diversos grupos, associando-se pelas emoções e sentimentos compartilhados, indo e vindo (Maffesoli, 2006).

Contudo, essas associações podem nada dizer sobre alteridade. Na medida em que os paradigmas individualistas e coletivistas se sobressaem, a alteridade fica distanciada, mesmo que se suscite que esteja sendo estimulada. Por exemplo, no paradigma individualista, participa-se de eventos sociais, mantendo diálogos frequentes, amizades, tolerância aos outros iguais e diferentes. Ainda assim, isso não significaria um processo solidário e de alteridade genuíno,

como vemos na visão solidária. Há algo que ainda os separa: aquilo que constitui o outro não é levado em consideração, porque, antes de ponderar a sua constituição, é visto como um ser livre, independente e que tem o direito de fazer suas próprias escolhas. Quer dizer, o outro não é problema meu, como, da mesma maneira, não deve se intrometer em minha vida.

Assim, a dança como sociabilidade pode predizer uma condição de solidariedade e alteridade, mas, na prática, o que pode estar oculto é a crença da independência uns dos outros e o autoconhecimento cultivados no paradigma liberal capitalista. As pessoas estão juntas, porém, o outro é separado, isolado, não tendo nada que ver com os demais. O respeito é assegurado na distância que se mantém do outro, e a liberdade de um começa quando termina a do outro, como podemos ver, nos discursos reproduzidos e consolidados no individualismo: “Ele é ele e eu sou eu, nos damos muito bem, não nos metemos um na vida do outro”. Ainda, há uns que delimitam espaços: “cada um no seu quadrado”, e, por fim, um que gera orgulho ao ser pronunciado: “ninguém paga minhas contas”.

No coletivismo, da mesma forma, podemos atentar para a crença de que se efetiva a solidariedade, visto que se esforça para ajudar as pessoas que são diferentes, almejando a sua igualdade ou o seu enquadramento nas regras da sociedade. As práticas não são voltadas para descartar as pessoas, como no nazismo, mas, sim, pelo desejo de que suas diferenças sejam eliminadas, existindo a crença de que a melhora será efetivada ao colocar em ordem a desordem que se avalia no outro. Acredita-se, nesse viés, que é preciso impor ideias de pensamentos e ações uniformes, com a finalidade de satisfazer a organização da sociedade. A diferença e outras formas de existência não são estimuladas, talvez pelo fato de que oferecem desafios, pois seria preciso conversar, ouvir, dialogar e pensar em ações em conjunto voltadas para a pluralidade, como sugere Arendt (2013). Talvez, ainda, pelos saberes construídos do que é certo, seja mais fácil decidir o que o outro deve ser e fazer, ajudando-o. Pode-se, neste caso, ter o intuito solidário com o outro e com o mundo, mas a consequência pode ser falsa, pois, em

prol de tornar o outro e o mundo melhores, restringe-se, limita-se e luta-se por cessar as distintas maneiras de ser e existir. Por amor aos grupos, organizações, instituições, partidos e Estados, odeia-se os diferentes e tenta-se bani-los ou faz-se planos com a pretensão solidária de mudá-los ou ajudá-los a serem iguais ao grupo, organização, partido, enfim, ideais amados.

Assim, tanto no paradigma individualista como no coletivista, a suposta solidariedade pode impulsionar a exclusão do outro como “ser relação”. Isto acontece porque, como pontua Guareschi (1998, p. 159), “ele (outro) não faz parte de nós, é um estranho, um alienígena. Ele é o índio, o negro, a mulher, o excluído”. E, acrescentaríamos, é o vizinho, é o colega de trabalho, é a natureza, é o outro em todas as suas formas, que não fazem sentido para nós. É sempre o outro, não percebido como constituído na relação social.

Neste sentido, as intenções de solidariedade ou amor podem não ser as dirigentes para vivenciar o paradigma comunitário-solidário. O que discerne os paradigmas pode estar oculto na forma de compreender a constituição das pessoas: se o outro é constituído somente como outro, independente (liberal capitalista), se precisa ser igual (coletivista-totalitário) ou, ainda, se o outro é interdependente de todos e do todo (comunitário-solidário). A “perspectiva que tende a ver o outro na sua exclusiva alteridade, problematiza seu lugar ao encarar o outro enquanto constitutivo do sujeito e da vida social” (Arruda, 1998, p. 12).

Políticas dançadas

A dança, como arte, não somente concede e reproduz o paradigma predominante. Ela move-se, resiste, discursa. É transformada pelo mundo, como o transforma, faz política. Para Guzzo e Spink (2015, p. 9), “a dança pode ser política a partir do movimento crítico que faz em relação à realidade, questionando ou propondo possibilidades de ação e transformação da maneira que existimos”. Para Zanella, Levitan, Almeida e Furtado (2012), a resistência através da arte não tem o intuito de ser adversária e opositora, mas inventiva, que se engaja na criação

de instrumentos poéticos para outros modos de existência. “Resistência constituída na produção da diferença, na demarcação de novos possíveis e, fundamentalmente, na afirmação da vida e do singular que se tece e entretece na relação com outros” (Zanella et al., 2012, p. 250).

Podemos citar o movimento da dança moderna, que surgiu como forma de resistir a certas práticas, em busca de novas relações do ser humano consigo mesmo e com a sociedade (Portinari, 1985). Um novo laço com o corpo. O movimento foi liberto, e, com ele, a sapatilha, as barbatanas e corpetes obrigatórios. As emoções e suas expressões passaram a ser prestigiadas, instigando os próprios movimentos e sentimentos, não somente individuais, mas da humanidade. A dança considerada como arte da libertação, libertação comunitária, resistindo aos costumes opressivos e instituições (Garaudy, 1980).

Resistências, que criam movimentos, grupos de dança que se organizam, formam comunidades com um mesmo intento: “estar junto” pelo sentido comunitário, por pessoas que acreditam que o coletivo pode se transformar, construir e se inventar. Por exemplo, há o movimento da dança pós-moderna americana com a qual, segundo Guzzo e Spink (2015), foram criadas diferentes ações engajadas em práticas críticas aos padrões instituídos pela sociedade. Alguns espetáculos foram utilizados para refletir sobre corpo, revolução e crise econômica, assim como questões explicitamente políticas. Outros transformaram os ambientes e suas configurações: danças que não aconteciam em teatros e não tinham palcos. Alguns eventos proporcionaram espaços para os espectadores e a equipe dialogarem sobre aspectos políticos, sociais e estéticos envolvidos nas danças promovidas. No Brasil, a jornalista Iara Biderman (2017, 12 de março), escreve sobre algumas travessias políticas na dança de Lia Rodrigues, uma delas, por exemplo, é um projeto nas favelas do complexo da Maré, no Rio de Janeiro, no qual a coreógrafa potencializa o diálogo da arte contemporânea com um projeto social.

Para Arendt (2013), comunidades devem existir para proporcionar diálogo e ação em conjunto. No seu livro “O que é política?” (Arendt, 2006), a autora inicia enumerando e

ordenando algumas ideias que são desenvolvidas e questionadas ao longo da obra. Política, Arendt (2006) pontua, baseia-se na pluralidade dos seres humanos e, em seguida, acrescenta, “trata da convivência entre diferentes” (Arendt, 2006, p. 7). Assim, a “política, [sic] organiza, de antemão, as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade relativa e em contrapartida às diferenças relativas” (Arendt, 2006, p. 8). E, ao longo das suas obras, a política vai sendo construída a partir das noções de liberdade, poder e autoridade, que se mesclam e se organizam. Ressaltando que a política, para a autora, não é utilizada somente na acepção político-partidária, como aquela exercida pelo governo, pelo Estado.

Na teoria de Arendt (2013), a visão individualista inviabiliza o fazer político, pois acredita a autora que o cidadão é um ser atuante do mundo e não deve colocar seu bem-estar acima do bem-estar público. O interesse no aspecto privado e individual compromete o empenho político, pois impede que a comunidade seja apreendida como um todo (Arendt, 2014). Para Arendt (2013), a política vai estar numa dimensão relacional, que deve preconizar o pensar, o diálogo e a ação em conjunto, não para contemplar a vida e encontrar verdades unânimes e universais, mas para fortalecer a pluralidade. Com isso, é preciso que as pessoas tenham liberdade, que é adquirida na comunicação com outras pessoas e na potência para agir, diferentemente da liberdade postulada pelo paradigma liberal capitalista, que prega uma liberdade interior, uma busca da interioridade para transformação, dentro da mente, nas próprias vontades.

Neste sentido, a autoridade teria a importante função de fomentar espaços públicos para discussões, assegurando às pessoas oportunidade de expressão da liberdade e do poder nas suas mais diversas opiniões e necessidades. Para tanto, a autora sugere a existência de locais ou espaços pequenos que pudessem ser organizados para os debates, assim como uma autoridade que se dispusesse a fazer a interlocução (Arendt, 2001), ressaltando que autoridade não deve ser relacionada com autoritarismo, que é tirânico e desconsidera opiniões das pessoas, impondo

os seus pensamentos e decisões (Arendt, 2013).

A dança, mesmo que não tenha uma proposta política explícita, será autoridade de interlocução, potencialmente, uma vez que proporciona espaços para que as pessoas possam pensar, dialogar ou comunicar algo, ir além da interioridade do indivíduo e, inclusive, romper com o dualismo eu/sociedade, privado/público. A partir dos espetáculos ou experimentações, as pessoas apropriam-se de novas formas de relações, visões de mundo e ações, e estabelecem meios de desenrijecer, elucidar ou desconstruir representações de pensar, ser e existir. “Por ser uma manifestação artística complexa, ela [dança] possui uma rede de materialidades e sociabilidades que a sustentam, e a cada espetáculo constrói-se uma maneira coletiva de narrar, posicionar-se, recortar a realidade” (Guzzo & Spink, 2015, p. 9).

Desta forma, podemos reconhecer o quanto a dança é ameaçadora perante as sociedades totalitárias, já que a diversidade não pode ser contemplada nesse paradigma. A dança como diálogo, discursiva, comunica e reflete sobre posicionamentos do cotidiano e do sentido da vida. Remexendo no que está instituído, ela pode deflagrar novas perspectivas e entendimentos. A função da autoridade na visão totalitária é cercear e proibir espaços que proporcionem esses encontros, destruindo a liberdade de poder das pessoas.

Liberdade de poder é entendida por Arendt (2013) como potência; isto é, um poder que viabiliza potencialidades para criação de alternativas de mudanças e elaborações do próprio destino, construído pelas pessoas juntas e gerado pela convivência. Contudo, no paradigma coletivista, este poder é cerceado para que não circule, pois são impostas verdades factuais a serem seguidas por todos. Palavras autoritárias são empregadas para velar intenções e realidades, e atos são empregados para violar ou destruir, não permitindo a criação de relações e novas realidades (Arendt, 2014). Assim, serão minadas e excluídas as práticas que se engendram na produção de modos de estranhar e rever orientações de ser e existir. Para Arendt (2015), poder é diferente de violência, onde há violência, não há poder. Neste viés, a coação e

a violência cessam a construção da política (Arendt, 2015), impedindo que os sujeitos transformem o mundo, ao mesmo passo que possam ser transformados por ele.

Por outro lado, na visão individualista, a dança - e todas as outras práticas em que o indivíduo revê outras realidades para se aprimorar - pode ser bem-vinda. Esta prática é almejada na medida em que ajuda na dedicação do crescimento individual e autoconhecimento das pessoas praticantes da dança, para o seu próprio prestígio e sucesso. Nesta cosmovisão, confraternizações, reuniões e encontros são frequentes, porém, são dedicados ao próprio indivíduo, isto é, quando convém, prima-se o viver em conjunto para melhorar o seu trabalho e a sua diversão, por exemplo.

As danças apreendidas e vistas nas suas práticas podem não predizer os paradigmas que as guiam. No intuito de distinguir, seriam importantes reflexões críticas sobre as visões de mundo que predominam e regem as propostas das atividades, tanto quanto das pessoas que as propõem. Neste sentido, as visões de mundo serão relevantes para política, a pois, segundo Guareschi (2008), através delas as pessoas guiarão suas ações e comportamentos. Mesmo a cosmovisão sendo uma implicação de um indivíduo particular, que, ao contrário da política, deveria estar engajada com grupos e/ou com o mundo, ambos os conceitos estão relacionados, pois, como diz Arendt (2014), as visões pessoais direcionam as práticas, afetando o agir político.

Política: Os círculos que dançam

“Aquele que sabe compreender a dança sagrada conhece o caminho que liberta da ilusão individualista, pois a dança é a sua própria natureza, sua vida espontânea e total, para além de todos os fins particulares e limitados: ele se identifica com o movimento rítmico do todo que o habita” (Garaudy, 1980, p. 16).

O movimento contemporâneo das danças circulares nasceu com Wosien; contudo, as danças circulares tradicionais dos povos nasceram há muitos milênios da comunidade social. São regionais, brotam “nas casas e nos campos das famílias, fora, nos lugares comuns a toda comunidade” (Wosien, 2000, p. 109). Pertencem a todos (crianças, velhos, homens, mulheres, leigos). Acontecem em círculos, nos quais todos de mãos dadas fazem os mesmos passos e a dança flui no ritmo da música.

Para Wosien (2000), as danças circulares constituem um caminho para a totalidade do ser, pois, além de permitirem despertar sentidos comunitários e singulares, têm potencialidades que podem ser terapêuticas, educativas, meditativas e sagradas, contemplando os aspectos físicos, emocionais, psicológicos, espirituais e sociais. Assim, a experiência das danças circulares pode ser profunda, pois propõe que, vivenciando-as, seja possível ter o entendimento de movimentos que são produtos do mundo interno (emocional, físico, psicológico), e, da mesma forma, fazem significação com os outros e com o mundo. Pois “o desenvolvimento do vínculo social e das capacidades intelectuais e afetivas começa quando o indivíduo vem a perceber que o outro tem uma significação no seu próprio mundo interior” (Moscovici, 1998, p. 7). Por exemplo, na roda, o outro e o sentimento de pertença com o grupo podem aparecer, na medida em que alguém trava ou interrompe um movimento. “A experiência objetiva de que o passo de um interfere no resultado coletivo leva os participantes a uma percepção clara da conexão com o todo” (Dubner, 2015, p. 95).

Apesar de todos dançarem igualmente, a dança circular pode despertar a singularidade, pois, ao mesmo tempo que os passos são ritmados e repetidos sincronicamente por todos, há a particularidade de cada um de se expressar e absorver. Igualmente, existe a possibilidade de espontaneidade, como, por exemplo, tocar o pé no chão, balançar, sentir e se emocionar de formas completamente diferentes (Wosien, 2000). Assim, pode promover tanto o desenvolvimento individual, como aberturas sociais, rompendo com a cultura do isolamento e

acrescendo o sentimento de pertença ao grupo e ao todo.

Essa dança, neste sentido, não somente contempla o paradigma comunitário-solidário, como nasce dele, na medida em que o outro também é a relação, é necessário. Quando cada um “é reconhecido como legítimo, e portanto, como sujeito de um saber e de um projeto, a realidade social e a realidade do eu se entrelaçam, mas não se reduzem uma à outra” (Jovchelovitch, 1998, p. 75). As pessoas, desta forma, constituem-se na interação, na pluralidade, isto é, na alteridade que têm “em comum com tudo que existe” (Arendt, 2014, p.189) e, na distinção que partilham com tudo que vivem, “tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é paradoxalmente pluralidade de seres singulares” (Arendt, 2014, p.189).

Para que outros possíveis sejam construídos na singularidade e, principalmente, para que essa singularidade seja plural, Arendt (2001) vai reforçar o papel da autoridade, entidade que tem como função conduzir, organizar e traduzir os diálogos e ações das pessoas. Nas danças circulares, quem recebe essa função é o focalizador ou os focalizadores. São pessoas que têm conhecimentos e experiências em coreografias, sejam coletâneas aprendidas dos povos originários (indígenas, tribos) ou contemporâneas, ou ainda as que elas mesmas coreografaram. São designadas a conduzir o grupo, ensinando histórias, símbolos, significados, mitos, signos dos movimentos, das danças e/ou das músicas, de forma que também são o círculo, participam na mesma sincronia. “O focalizador não é de forma nenhuma o foco da roda, (...) Quando uma pessoa de fora olha (...), ela não verá um ponto se destacando na roda, porque, afinal, o círculo é feito por todos” (Dubner, 2015, p. 20).

Os focalizadores, geralmente ao final, proporcionam momentos de falas e trocas sobre as experiências na roda, sendo que são encontros que privilegiam e apostam em tópicos que possibilitem as vivências interculturais e socioambientais, como, por exemplo, danças de outros países e religiões com suas tradições ou danças que contemplam os ciclos e elementos da natureza. O contato com outras culturas, com seus símbolos, mitos, religiões e músicas permite

aproximar, conhecer e criar outras representações sobre as histórias desses povos, que para Arendt (2014) são fundamentais para política, pois os mitos e as histórias, verdadeiras ou não, ressaltam aspectos importantes para a comunidade. Seus objetos, raízes e nuances recordam ações e momentos, perpassam por gerações e validam a existência humana. Para a autora, a autoridade seria imprescindível como emissora das tradições (culturais, religiosas), fazendo um elo com o passado e, desta forma, permitindo um mergulho nas complexidades da condição humana.

Os temas socioambientais, como a sustentabilidade e a natureza, são imprescindíveis no movimento das danças circulares. Os elementos (ar, terra, água, fogo), que são trabalhados nos seus sentidos materiais, energéticos e subjetivos, podem fazer com que desperte a atenção à água, por exemplo, racionando-a, protegendo-a. A alteridade não se enclausura na roda, mas se expande para as relações com o mundo. O mundo também é o outro, e o outro é parte, é conectado. Como diz Arendt (2000), temos que ter amor ao mundo. Cuidar dele para os futuros seres, não esquecendo do vínculo que nos une a ele e a todas as pessoas. Dentro dos círculos existe um lema que é: “Podemos ajudar a mudar o mundo. Vamos dançar!” (Dubner, 2015, p. 113). Contudo, na dança circular não se trata de ir mudar o mundo lá fora, nem dentro da roda. Não é esse o intuito, mudar as pessoas, comportamentos, ideias. O mundo é aqui, a troca é aqui, na roda, em nós, no diálogo sobre visões de mundo e mundos diferentes, que podem gerar inspirações e ser levados ou não para o cotidiano.

Para Arendt (2013), como nas rodas, as relações com as pessoas e com o mundo são fundamentais. Desta forma, pensar diferente não indicaria um problema, pelo contrário, opiniões diferentes seriam bem-vindas e enriquecedoras. Porém, é importante salientar que mesmo que as práticas das danças circulares tenham nascido do sentido comunitário, elas podem resvalar para os outros paradigmas. Na medida em que as pessoas nas rodas precisam ser iguais, tanto o focalizador como os participantes podem impor sonhos, crenças e

comportamentos iguais para todos, aproximando-se, dessa forma, ao paradigma coletivista totalitário. E quando a arte, e acrescentaríamos a dança circular, prioriza somente o próprio desenvolvimento individual e é consumida para entretenimento de si (Arendt, 2013), o paradigma individualista liberal predomina, contribuindo para que a arte perca seu aspecto cultural e tradicional que liga humanidade ao passado, entrando em crise, assim como a cultura e a educação (Arendt, 2013). Esse movimento de inclinação para um paradigma ou outro não ocorre de modo linear ou estático, mas podemos entendê-lo como tendências que são particularmente interdependentes da visão de mundo predominante do focalizador.

Para que isso não aconteça, nas rodas, reconhecendo a força dos paradigmas individualista e coletivista, é imprescindível que haja uma autoridade (focalizador) que esteja engajada em concepções de mundo que despertem a pluralidade. Neste sentido, estar disposto a ser um focalizador é estar disponível a adentrar em novas práticas no cotidiano. É estar atento para resistir às naturalizações das práticas dominantes e de exclusão, estudar, vivenciar e transitar em diferentes possibilidades de existência (culturas, religiões, posições políticas, econômicas). É ser responsável pelo encontro com a alteridade na roda.

Neste viés, o movimento das danças circulares não tem como intuito fazer uma política cujo fim seja mudar o outro ou o mundo. Não é comum, nesta prática, discussões voltadas para crises econômicas ou guerras, por exemplo. Contudo, as vivências podem criar possibilidades de existência ao proporcionar que o grupo experiencie sensações de pertencimentos e conexões (eu, outro, mundo), de modo que oportunizam experiências solidárias e comunitárias, que poderão despertar o desejo de se viver nelas ou concretizá-las no cotidiano. Na medida em que o ser é efetivamente relação e não desaparece simbolicamente, como propõe Jovchelovitch (1998), as comunidades não precisariam ser destruídas, nem ser rechaçados os direitos individuais e saberes sociais. Portanto, entregam-se sementes nas rodas, que dependerão de outros meios e ações para serem efetivamente levadas, plantadas e se desenvolverem.

Conclusão

Se as danças circulares se expandem no mundo (Barton, 2012), o que é que as pessoas buscam? Que círculos são esses? O que eles proporcionam? Como são no Brasil? Ao final, são muitas perguntas que ficam. Pensamos que o desejo da desindividualização, proposto por Maffesoli (2006), pode contribuir para o florescimento dessas danças. No círculo, tem-se a possibilidade de colocar em prática atividades que saciem os nossos anseios por outras visões de mundo, comportamentos e relações, em comunidades que compartilhem das mesmas emoções e sentimentos. Criam-se, dançando, diálogos e ações, em que a pessoa tem a possibilidade de não se entender somente como um ser humano isolado, cuidando de si. Pode oportunizar que as pessoas se reconheçam na pluralidade, resistindo ao coletivismo e ao individualismo. Como Maffesoli (2006) pontua, estamos cansados dessas visões de mundos que nos guiam. E para transformá-las, criamos e nos engajamos em outras práticas.

Assim, cansados dos paradigmas dominantes e com disposição para criar, dança-se. Inventam-se modos de construir outros possíveis e de fazer política. Na medida em que se resiste criativamente a compartilhar somente formas instituídas, inventam-se outros meios de dialogar com todos que são “outros”. Novas formas de cuidar do mundo, da natureza, do planeta, de produzir, nutrir, consumir, gastar, isto é, nos relacionarmos com o mundo, como se ele não fosse um outro distante, mas fizesse parte de nós, assim como nós fazemos parte dele - alteridade com o todo. Da mesma maneira, o contato com os símbolos das outras culturas pode permitir o entendimento de que todos perpassam pelo constitutivo tanto do ser singular quanto da vida social. No desejo da alteridade, a dança de roda oportuniza semear outras formas de existir, não só nos praticantes, dentro da roda, mas fora, pela reverberação que acontece nas pessoas e nas práticas pelos espaços privados e públicos.

A dança em círculo, da mesma forma que outras danças e artes, pode ser política, uma vez que possibilita às pessoas experimentações de novas maneiras de viver um grupo, no qual são disponibilizados encontros com outros possíveis modos e meios de existir, mas não de forma individualista, pelo contrário, aprendendo sobre a própria existência dentro da existência coletiva e vice-versa. As mudanças no mundo, como diz Arendt (2013), não podem ser feitas de maneira individual e de dentro, essas nascem e florescem entre as pessoas, quando se comunicam e atuam na presença de outros. Porém, “relacionar-se com a diferença envolve desejo, e é a natureza dessa condição desejante que também define a forma como uma sociedade se engaja na rede de relações humanas que permite tanto a construção dos saberes como dos sentidos, eles próprios atividades cruciais para sustentar a formação de identidades, sentimentos de pertença e o sentido de comunidade” (Jovchelovitch, 1998, p. 74).

Com este estudo, pretendemos contribuir para a reflexão de como nós, psicólogas(os) sociais e outras(os) tantas(os) profissionais, nos engajamos para reconhecer o “ser relação”. Como transitamos pelos paradigmas coletivista e individualista, tão fortemente impregnados em nós e na nossa sociedade. E, ainda, nos questionarmos sob quais paradigmas fortalecemos, reforçamos e conduzimos nossas práticas. Como diz Guareschi (2008, as discussões acadêmicas, intelectuais, filosóficas são importantes, mas podem permanecer no abstrato, sendo relevante, “na verdade... as práticas, as novas práticas, ou se quisermos, as diferentes relações que podem surgir” (p. 155) dos debates.

Aqui, nos limitamos a abordar a dança circular como potência política. Porém, se as visões pessoais direcionam e redirecionam práticas, como diz Arendt (2014), é um universo infinito que pode se encontrar em discussão. E, assim, como nas danças circulares, o que influencia politicamente são os processos nos quais será possível dialogar, vivenciar e construir outras formas de relações e ações.

O outro, a diferença, ou melhor, a diversidade (povos originários, religiões, partidos,

profissões e inúmeras possibilidades), quando vivenciados, tendem a movimentar representações estagnadas. Esse movimento pode despertar outros possíveis infinitos contidos em nossa relação com os outros. Portanto, nas danças circulares é disponibilizado um experimentar no qual não existe lado de fora e lado de dentro, eu e outro, individual e social, físico e emocional, sem que possam ter conexões.

Podemos pensar que, por meio da vivência do paradigma comunitário-solidário, não precisam existir piores, nem melhores, pois o importante é participar e aprender com a diversidade, como nos conta Rubem Alves (2001, 6 de setembro), sobre uma atividade de corrida que ocorreu na história de Alice no país das maravilhas: Na floresta, diferentes animais participavam de uma competição de corrida em círculo, na qual corriam cada um do seu jeito, “pra frente, pra trás, pros lados, aos pulinhos, em zigue-zague... O pássaro Dodô gritou: ‘A corrida terminou!’ Todos se reuniram ao redor do Dodô e perguntaram: ‘Quem ganhou?’ ‘Todos ganharam’, disse Dodô. ‘E todos devem ganhar prêmios’”. Como a intenção da roda é ser na pluralidade, ninguém perde, ganha-se novos exemplos e possibilidades. São círculos nos quais o mundo é nosso, em que apenas alguns nos tornam “nós”, como “canta”, “dança” e “circula” a composição de Caetano Velozo (1983): “Uns vão / Uns tão / Uns são / (...) Uns mãos / Uns cabeça / Uns só coração / Uns amam / Uns andam / (...) Uns nada além / Nunca estão todos. / Uns bichos / Uns deuses / Uns azuis / (...) Uns teus / Uns ateus / Uns filhos de deus / Uns dizem fim / Uns dizem sim / E não há outros”.

Referências

Alves, R. (2001, 6 de setembro de). Cada um corre do jeito que pode. *Folha de S. Paulo*. Acessado em 27 de outubro, de 2016 <http://www1.folha.uol.com.br/colunuperadoas/rubemalves/970891-cada-um-corre-do-jeito-que-pode.shtml>

Andrada, P. C.; Souza, V. L. T. (2015). Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19 (2), 359-368.

Biderman, I. (2017, 12 de março de). A dança política de Lia Rodrigues. *Folha de S. Paulo*. Acessado em 15 de maio, de 2017 <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/03/1865377-a-danca-politica-de-lia-rodrigues.shtml>

Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962 (1962). Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília. Recuperado em 19 de outubro de 2016, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119

Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. (2017) Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Recuperado em 10 de agosto de 2017, de http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/prt_849_27_3_2017.pdf

Arendt, H. (2000). *A vida do espírito*. (4a. ed.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Arendt, H. (2001). *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água.

Arendt, H. (2006). *O Que é Política?* (6a. ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Arendt, H. (2013). *Entre o Passado e o Futuro*. (8a. ed.). São Paulo: Perspectiva.

Arendt, H. (2014). *A Condição Humana*. (8a. ed.). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária.

Arendt, H. (1999). *Crise da República*. (2a. ed.). São Paulo: Perspectiva.

Arruda, A. (1998) Introdução. En Arruda, A. (Org.) *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes.

Barton, A. (2012). *Danças Circulares: Dançando o caminho sagrado*. São Paulo: Triom.

- Dubner, D. (2015). *O poder terapêutico e integrativo da Dança Circular*. São Paulo: Ottoni Editora.
- Elias, N. (1994). *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Frances, L., & Bryant-Jefferies, R. (2004) *Dança Circular Sagrada e os Sete Raios*. São Paulo: Triom.
- Garaudy, R. (1980). *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Guareschi, P. (1998). Alteridade e relação: Uma perspectiva crítica. En Arruda, A. (Org.) *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- Guareschi, P. A. (2008). Ética e Paradigmas. En Ploner, K. S. Michels, L. F. Schindwein, L. M. & Guareschi, P. A. (Orgs.) *Ética e paradigmas na Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/qfx4x>
- Guareschi, P. (2005). *Psicologia social crítica*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Guzzo, M. S. L.; Spink, M. J. P. (2015). Arte, dança e política(s). *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 3-12.
- Gauer, G.; Souza, M. L.; Dal Molin, F.; Gomes, W. B. (1977). Terapias alternativas: uma questão contemporânea em psicologia. *Psicol. cienc. prof.*, 17(2), 21-32. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931997000200004>
- Jovchelovitch, S. (2008). *Contextos do saber*. Representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2004). Psicologia social, saber, comunidade e cultura. *Psicol. Soc.*, 16 (2), 20-31.
- Jovchelovitch, S. (1998). Re(des)cobrando o outro: Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. EN Arruda, A. (Org.) *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- Maffesoli, M. (2006). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de*

- massas. (4a. ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Moscovici, S. (1998). Introdução. En Arruda, A. (Org.) *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- Nietzsche, F. (1992). *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. (2a. ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Portinari, M. (1985). *Nos passos da dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Portinari, M. (1989). *História da dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- Rengel, L., Langendonckl, R. V. (2006). *Pequena viagem pelo mundo da dança*. São Paulo: Moderna.
- Sten, M. (1989) *Ponte a bailar tú que reinas: Antropología de la danza prehispánica*. México: Joaquín Mortiz.
- Tavares, F. R. G. (2013) Legitimidade Terapêutica no Brasil Contemporânea: As Terapias Alternativas no Âmbito do Saber Psicológico. *PSYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 13 (2), 83–104.
- Veloza, C. (1983). Uns. En *Álbum Uns* [LP, CD]. Rio de Janeiro: Philips.
- Wosien, B. (2000). *Dança: um caminho para a totalidade*. São Paulo: Triom.
- Zanella, A. V. (2005). Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*; 17(2): 99-104.
- Zanella, A. V., Levitan, D., Almeida, G. B. De, & Furtado, J. R. (2012) Sobre ReXistências. *Psicologia Política*, 12(24), 247-262.

TEXTO 2: DANÇA CIRCULAR: NOVOS POSSÍVEIS NA UNIVERSIDADE⁵

⁵ O texto será encaminhado para avaliação à Revista Educação e Sociedade. Normas disponíveis em: http://www.scielo.br/scielo.php/script_sci_serial/pid_0101-7330/ing_pt/nrm_iso

Dança Circular: novos possíveis na universidade

Circular Dance: new possibilities at the university

Danse Circulaire: des nouveaux possibles université

Resumo: Este artigo objetivou conhecer como a experiência da prática das danças circulares em uma disciplina de graduação em Pedagogia afetam o sujeito no contexto universitário. O *corpus* de análise foi composto por 23 diários de aula de acadêmicos dos cursos de graduação em Pedagogia, Educação Especial e Terapia Ocupacional que participaram da pesquisa. Contamos com a perspectiva crítica da Psicologia Social e de elementos da Teoria das Representações Sociais, buscando compreender de que formas estas vivências abrem novos possíveis para os acadêmicos. Concluímos que as experiências da dança movimentam representações sociais e possibilitam surtir experiências sensíveis tanto na universidade como de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: dança circular. universidade. representações sociais.

Abstract: This article of qualitative approach aims to know how the experience of the practice of circular dances in a discipline of graduation in Pedagogy affect the subject in the university context. The corpus of analysis was composed of 23 academic journals of undergraduate courses in Pedagogy, Special Education and Occupational Therapy that participated in the research. We have the critical perspective of Social Psychology and elements of Theory of Social Representations, trying to understand in what ways these experiences open new possibilities for academics. We conclude that the experiences of dance move social representations and enables sensitive experiences, both inside and outside the university, as being in the world.

Keywords: circular dance. university. social representations.

Résumé: Cet article a l'objectif de saisir les effets de l'expérience de la pratique des danses circulaires misent en place dans un séminaire auprès du Cours de Pédagogie. Au totale, 23 étudiants distribués parmi les cours de Pédagogie, Éducation Spéciale et Ergothérapie ont participé de l'étude en enregistrant leurs expériences. Leurs journaux font nos bases de donnés. La démarche rattache des éléments de la Théorie de Représentations Sociales à la perspective critique de la Psychologie Sociale. Il s'agit de comprendre comment les expériences vécues ouvrent aux étudiants des nouveaux possibles. La danse circulaire fait l'émergence des représentations sociales et des expériences sensibles d'être à l'université autant qu'au monde.

Palavras-chave: danse circulaire. université. représentations sociale.

Introdução

No princípio de tudo, somente existia o Caos. Extenso, profundo, vazio e sem vida. Gaia surge do rodopiar em torno de si na escuridão desse Caos. Em volteios, sua dança torna-se tão suprema que aos poucos vai condensando e possibilitando seu nascimento. Assim, desabrocha a Grande Mãe, Mãe-Terra, Gaia, a deusa que origina a matriz da vida (SAHTOURIS, 1991). Nesse mito grego, a dança precede até mesmo a criação do mundo, e, mais do que isso, é dançando que nasce Gaia, a criadora de quase todos os seres futuros, a deusa que dá origem à vida.

Na cultura grega, mitos, rituais e livros deram especial destaque para a dança. Nossos antepassados gregos, egípcios e indianos deixaram registros rupestres de pessoas em roda, dançando e saltando, assim como em documentos e livros (PORTINARI, 1989; RENGEL e LANGENDONCK, 2006). Por meio dessas manifestações, as danças indicam ser antigas e presentes em distintos povos (ELLMERICH, 1987). Para Rengel e Langendonck (2006), antes de proferir suas primeiras palavras, os seres humanos articulavam movimentos e sons numa tentativa de se comunicar e expressar emoções. Nas cavernas ou em torno de fogueiras, ousavam alguns gestos e ritmos (PORTINARI, 1989), cantavam, batiam mãos e pés no chão, estalavam os dedos, imitavam movimentos dos animais e criavam seus movimentos.

Dançando era possível lidar com o mundo e seus fenômenos, honrar, pedir, agradecer à natureza, deuses e deusas, garantindo a continuidade da vida e a harmonia do universo (PORTINARI, 1989). Existiam diversos rituais dançantes, como forma de adoração e oferendas para pedir e/ou agradecer o plantio, a colheita e a fertilidade; evocar os deuses (sol, lua, estrelas, raios); honrar a morte e a vida; abençoar os casamentos, os nascimentos e as guerras (PORTINARI, 1989; RENGEL e LANGENDONCK, 2006). Podemos imaginar que esse encontro em volta do fogo, em círculo, juntos, originando símbolos e comunicações, foi o primeiro grande movimento coletivo criado pela humanidade.

Em muitas culturas, com o crescimento das cidades grandes e a ascensão da Igreja cristã e da ciência, a ligação com a natureza perde o protagonismo, abrindo espaço para o indivíduo, ele por ele mesmo – “*divisum a quolibet alio*, isto é, separado de tudo o mais” (GUARESCHI, 2005, p. 35). A “saúde” da natureza e do universo deixa de ser a principal preocupação, sendo o indivíduo que precisa de cuidados: **sua** alma e **seu** corpo. Segundo Arendt (2013), foi a partir da teoria de Sócrates sobre a existência de uma alma imortal e um corpo perecível que a saúde do indivíduo passou a ser encargo de si mesmo.

Na medida em que o indivíduo torna-se ele por ele mesmo, preocupado consigo apenas, o viés comunitário perde a sua função, pois não é mais preciso haver conexão com deuses, universo e natureza. Assim, alguns rituais e atividades comunitárias, como a dança, tornam-se desnecessários e ganham força atividades que focam na supremacia do desenvolvimento individual. Na antiga Grécia, as pessoas instruídas precisavam saber tocar, dançar e cantar, bem como saber filosofia e política. A dança era matéria obrigatória nas escolas e foi incentivada pelos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles. Contudo, a prática visava almejar a disciplina e os dotes artísticos dos estudantes, na conjuntura do protagonismo do indivíduo, um aprimoramento de si (PORTINARI, 1989).

Neste sentido, a prática de dança comunitária se esvaece e na educação passa a ser disciplinadora, empobrecida de experiências que despertem a emoção, limitada e temida na permissão de afetos, rígida, calculada, utilizada para a disciplina do corpo (GARAUDY, 1980). Além disso, a partir da ideia de Descartes de que “conhecer significa quantificar” (SANTOS, 1995, p. 15) surge a concepção de que os sentidos e a sensibilidade enganam a apreensão da realidade e deturpam a produção do conhecimento verdadeiro, sendo propostos, na sua teoria, o rigor e o controle pelo pensamento racional (ARENDDT, 2014). A ciência moderna rompe com o conhecimento do senso comum (SANTOS, 1995) e o coloca numa categoria inferior, não confiável.

Nesse viés, consolida-se o que Santos (1995) denomina paradigma dominante. Paradigma caracteriza-se como um modelo global de racionalidade científica, totalitário, que acredita na existência de apenas uma verdade no momento em que busca o conhecimento. Para tanto, existe a crença de que a verdade é replicável e observada objetivamente, não sendo necessárias convicções do pesquisador. A natureza toma papel passivo, sendo desvendada para então ser dominada e controlada, e o método científico quantifica e reduz a complexidade dos fenômenos. As variáveis qualitativas são desqualificadas do estudo, e o mundo é tratado a partir de uma ideia de mundo-máquina.

Contudo, há algumas décadas, sabemos que certas práticas de dança fizeram as pazes com a expressão do corpo e da emoção, com o despertar dos sentimentos e com os movimentos espontâneos e instintivos. Ainda assim, presencia-se a coibição de livres expressões do corpo na nossa sociedade, assim como das emoções e sentimentos. É visto que essa inibição em prol do pensamento racional consolida-se na ciência, na educação, na pesquisa, na universidade, estabelecendo-se com supremacia até hoje, mesmo com uma série de transformações e crises desse paradigma, como pontua Santos (1995). Com isso, é possível imaginar que mesmo os cursos que lidam com o movimento dos corpos, como as graduações em dança ou educação física, perpassam ainda por muitas restrições.

Nas outras áreas de conhecimento, as vivências e experimentações do corpo na universidade estão longe de serem recorrentes e possuem mais desafios. Há que se superar a desaprovação, por muitos séculos, da espontaneidade corporal *versus* a disciplina escolar. Há que se deparar com um corpo que “conversa” ao se movimentar, reproduz emoções, pensamentos, se expressa. Há que se encontrar com movimentos que afetam, emocionam, como, por exemplo, olhar o outro e ser olhado, tocar o outro e ser tocado. Movimentos que em segundos podem reavivar memórias, traumas, alegrias, superações, *insights*.

Wosien (2000) acredita que a educação acaba por ser um condicionamento de comportamento, no qual não há espaço para movimentos, para vida, já que, para ele, vida é movimento. Para o autor, a prática da dança desenvolve habilidades físicas, mentais, emocionais e sociais, sugerindo-a, desta forma, como um dos meios eficientes para pedagogos, pois o trabalho acontece no estudante, na sua experiência. Wosien, com o intuito de aprofundar-se nas pesquisas com as danças, fez uma peregrinação pelos pequenos povoados da Europa, vivenciando suas danças. Encantado, apropriou-se de uma coletânea de músicas, danças, mitos, poesias e rituais tradicionais desses povos, com a finalidade de entender, conhecer e resgatar essa prática, transmitindo-a para outras civilizações. Esse plano deu início ao movimento contemporâneo de danças dos povos. Em 1976, na Escócia, Wosien inaugurou o movimento, denominando-o Danças Circulares Sagradas.

Hoje, a Dança Circular Sagrada⁶ também é conhecida simplesmente como Dança Circular e pode ser entendida como vivências de danças tradicionais dos povos, ritualísticas ou contemporâneas, dançadas em roda com a finalidade de contemplar a atividade do corpo com envolvimento emocional, mental, social e espiritual, permeando a integralidade dos sujeitos. Pode ser caracterizada como uma meditação, que acalma o ser ao mesmo tempo que desperta e unifica, realizada em movimento com o grupo, de mãos dadas (WOSIEN, 2000).

Contudo, cada pessoa fará a vivência da dança circular de forma particular, podendo deixar esvaziar, fazer nada, reforçar, remexer, copiar ou construir sensibilidades de acordo com a sua história de vida e suas formas de se afetar com o outro. Como afirma Jovchelovitch (2008), a construção do saber é singular, mas exige o outro, um outro que pode ser pessoas, coisas, objetos, instituições, grupos, etc. Na interação, os saberes se criam, se organizam e se estabelecem. O conhecer acontece nas relações entre o sujeito, o outro (Alter) e objeto/mundo/sociedade.

Assim, este artigo objetiva conhecer como a experiência de uma disciplina de graduação do curso de Pedagogia propondo a prática das danças circulares afeta o sujeito no contexto universitário. Especificamente, busca-se compreender de que forma as vivências na disciplina abrem novos possíveis para os acadêmicos.

Pensamos que a Psicologia Social Crítica e a Teoria das Representações Sociais podem contribuir com o objetivo do estudo, na medida em que se interessa pelos “seres humanos no contexto mais amplo das relações sociais” (GUARESCHI, 1996, p.16), não sendo constituído nem pela sua interioridade e nem pela sociedade, mas na relação entre os dois (JOVCHELOVITCH, 2008). Essas abordagens permitem compreender como novos saberes são produzidos e transformados em ação, comunicação, interações e fenômenos sociais (JOVCHELOVITCH, 2008). É a possibilidade de aproximar os diversos fenômenos e objetos do mundo social, com a finalidade de elucidar o desenvolvimento das pessoas, dos grupos, das sociedades de forma teórica e prática.

Método

Este artigo deriva da dissertação de mestrado “Dança Circular: inventando afetos e construindo mundos”, pesquisa que se insere no projeto de pesquisa “Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões” (aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM, sob o CAAE 45518415.5.0000.5346), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Situa-se na área da Psicologia Social e é uma pesquisa que se sustenta em uma abordagem qualitativa de cunho descritivo exploratório, cujo objetivo, conforme Gil (2008), é a descrição de caráter compreensivo e interpretativo, com maior ênfase na profundidade, e não na precisão, das características de uma população ou de fenômenos.

⁶ Ainda que a prática da dança circular seja pensada por psicólogas(os) em publicações (e.g. ANDRADA, 2015; DUBNER, 2015), ressaltamos que ela não é reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia como uma das atividades integrante da ocupação de psicólogas(os) (c.f., BRASIL, 1962). Todavia, a partir da nova Portaria n. 849, de 27 de março de 2017 (BRASIL, 2007), a dança circular começa a fazer parte do rol das Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

O campo de pesquisa refere-se a uma disciplina complementar de graduação intitulada “Dança dos povos: um exercício para paz”, do curso de graduação de Pedagogia Noturno da UFSM. A disciplina ocorre semestralmente, uma vez por semana, com carga horária de 30 horas. Participaram 23 estudantes dos cursos de graduação em Pedagogia, Educação Especial e Terapia Ocupacional, de diferentes faixas etárias, sendo 21 mulheres e dois homens.

Assim, o *corpus* de análise foi composto por 23 diários de aula dos estudantes da disciplina, perfazendo dois semestres. Além dos diários dos estudantes, as experiências também foram relatadas em diários de campo pela pesquisadora e por uma estudante de iniciação científica (IC). Esses diários consideram as experiências das aulas de danças circulares ministradas pela estagiária docente, autora da dissertação aqui apresentada, acompanhadas pela IC e pela professora responsável pela disciplina, co-orientadora da dissertação.

A análise dos materiais começa pela experiência do primeiro dia, a primeira impressão dos estudantes na disciplina, a chegada, os afetos. Após, há a familiarização com a dança circular, com a prática, com a disciplina e, por fim, a movimentação das reflexões acerca de suas aprendizagens sobre si na relação com o outro (culturas, natureza, mundo) e repercussões para suas vidas fora da universidade. Apoiados no mito de Gaia, dividimos a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa em três etapas: o início (Caos), o nascimento de Gaia por meio da dança e a criação da vida. Essas etapas, articuladas por algumas notas dos diários dos estudantes, acompanham o percurso do desenvolvimento do artigo: o início da disciplina, a familiarização com a dança e, por fim, a criação, movimentação ou reflexão das representações que surgiram dos acadêmicos.

No princípio de tudo, somente existia o Caos

Ao entrarmos na escola, em tenra idade, brincamos, pulamos, pintamos. Com o avanço das séries, vamos metamorfoseando para encontros com disciplinas, grades curriculares, quadros, cadernos, fileiras, avaliações, e assim por diante, até o final da universidade. Viemos de um modelo global de racionalidade, no qual a razão e uma única verdade imperam. Esse forte predomínio nos impõe a permanecer nesse modelo, apesar das mudanças e transformações que ocorrem, como pontua Santos (1995), ao descrever um paradigma ao horizonte, emergente. Paradigma que se caracteriza por uma metodologia pluralizada, que pode conter mais de uma verdade e leva em conta a influência e experiência do pesquisador, assim como o senso comum e o local da pesquisa. A emersão desse novo paradigma aponta uma nova universidade, uma nova educação. Mosé (2013) acredita que diante do conhecimento que possui mais de uma verdade, no qual toda afirmação é provisória ou está sujeita a mudanças, a educação não se sustenta mais na reprodução e repetição de saberes, mas na expressão, interpretação, reflexão e, ainda, no seu compartilhamento.

A universidade, diante do paradigma emergente, é incitada a abrir novas questões, que perguntam, questionam e sinalizam transformações. Porém, isso acontece a passos lentos, pois, como pontua Santos (1999), a universidade é um espaço constituído de aversões às mudanças, rígido em sua organização, estrutura e funções, além de ser fragmentado, distanciado da preocupação humanista e cultural e das práticas de transformação da sociedade (SANTOS, 2004). Para Mosé (2013), a educação é focada, primordialmente, no indivíduo, na sua

produtividade e profissionalização; conseqüentemente, gera estudantes incapazes de relacionar o particular com o todo da vida. Produz, portanto, nos estudantes, a incapacidade de articular a vida a um projeto social, rendendo projetos sociais distantes do planeta, da vida, das mudanças e transformações. A conexão pessoa-vida-universidade-sociedade fica desmembrada, desassociada, rompida.

Neste sentido, não foi por acaso que nos deparamos com o estranhamento da disciplina que propõe a experiência da dança circular na universidade. Disciplina que oportuniza vivências com símbolos, mitos, histórias, poesias e rituais das culturas mais diversas, com seus distintos objetos, danças, músicas e movimentos. Estranhamentos, vazios, principalmente nos primeiros dias. Espaços, posturas, regras incomuns na universidade:

Primeiro dia de aula. Paredes brancas, sem quadro, giz ou canetas. Sala com um piso brilhando, limpo, parecendo infinito pela falta de cadeiras e mesas. Recepção com sorrisos, olhares, gestos de boas-vindas, sem sapatos. O silêncio quebrado por um aparelho de som tocando a primeira música. No centro da sala, um arranjo circular no chão composto por tecidos coloridos, flores, incensos e velas. “Enfeite” demarcando o espaço central, norteando o lugar que formaria a roda dos participantes de mãos dadas e em pé, o círculo de pessoas. Ambiente cuidadosamente preparado para a primeira experiência do semestre (Diário de Campo da pesquisadora).

Nessa ambientação, nos deparamos com a tímida chegada dos estudantes. Sorrisos de vergonha, passos vagarosos, olhares curiosos e titubeantes em relação às normas: “é para tirar o sapato?”, “onde coloco minhas coisas?”. Em diversos relatos dos diários de aula podemos aprender a instauração do Caos, o princípio de tudo, o primeiro contato com as danças circulares, um vazio:

Primeiro dia de aula, quando entrei na sala de aula fiquei assustada; Não sabia nem o que esperar. Achei estranho o centro no meio da sala, nunca tinha presenciado algo assim; fui logo pensando onde fui me meter; no começo me senti tímida e um pouco intimidada; fiquei um pouco confusa e perdida; [...] que loucura é essa que estou me metendo, cadê as mesas, cadeiras?; no começo foi traumatizante, desconfortante, não sei dizer o porquê, foi um choque de sentimentos em tão pouco tempo, a cada olhar um sentimento novo, alegria, aflição, medo, confiança, serenidade... recebi e transmiti muitas coisas e eu não estava pronta para isso; [...] foi novidade total; [...] fiquei curiosa (Diários de Aula).

O Caos veio, rodopiou em volteios, emergindo e construindo-se. Afetos que causam estranhamentos. Percepção de algumas normas inabituais da universidade, tanto de estrutura quanto de comportamento. Foi disponibilizado um espaço de experimentações para corpo, emoção e sentimentos, para o grupo junto, inesperado. Representações⁷ seguras foram desestabilizadas, surgindo outra forma de assistir aula, expectativas. Foram desajeitadas

⁷ Entendemos que a representação é sempre da ordem do social e do sujeito ao mesmo tempo; sujeito e sociedade intersectam-se pela dialogicidade e co-produzem-se. É um processo, de acordo com Jovchelovitch (2004), dinâmico, centrado não apenas no sujeito e no objeto, nem só na sociedade, mas nessa interação (JOVCHELOVITCH, 2004), pois o sujeito é entendido de forma psicossocial, constituindo-se no coletivo, nas relações cotidianas e nas construções sócio-históricas (GUARESCHI, 2005).

familiarizações, sejam da aula, da dança, das normas, surgiram desconfortos. Foi preciso sair de “casa”, como diria Moscovici (2013). Esperar, ancorar-se, adaptar-se. Houve relatos de preocupação, nervosismo, vergonha de dançar, medo de errar, receio dos outros, de ter que corresponder à universidade como um espaço de seriedade, para pensar, para ser melhor, acertar, ser avaliado:

Neste primeiro dia de aula queria acertar tudo [...]; senti ansiedade, receio [...]; não consegui me concentrar muito de início, errei um pouco [...] (Diários de Aula).

Interessante pensar que a proposta de experimentar e se experimentar na dança circular (física, mental, emocional, social) deve ser correta, acertada para os acadêmicos. Como podemos ver num questionamento feito durante a aula: “Não sei o que tenho que sentir, só conseguirei se você explicar” (Diários de Aula). As experiências espontâneas ficam travadas, perdidas, vagas. Se não copiarmos, obedecermos e reproduzirmos, será que conseguimos experienciar? Por que isso acontece?

Apesar das constantes transformações diárias, antes mesmo de nascermos já tinham sido construídas as convenções da escola, da universidade, do modelo racionalista, já havia sido revelado na dança o pecado e decretadas as sensibilidades do corpo e dos afetos como desnecessárias para aprendizagem. Se desde cedo frequentamos a escola, aprendemos alguns modos padronizados de nos comportar, pensar e acreditar. Como afirma Moscovici (2013), as representações que temos dos objetos, pessoas, acontecimentos e fenômenos podem se impor sobre nós com uma força irresistível. As tradições acabam por determinar formas de realidade. São normas e crenças que, muitas vezes, influenciam, desapercibidas de questionamentos, podendo ser automáticas e repassadas, pelo simples motivo de que assim foram elaboradas, aprendidas e compartilhadas nos grupos, comunidades ou sociedades. Vamos agindo, pensando e nos comportando fluidamente, sem nos questionarmos acerca do condicionamento de certas práticas.

Contudo, desestabilizando algumas convenções de um primeiro dia de aula na universidade, pode-se refletir sobre as formas enraizadas. Como podemos perceber nesse relato, há a dúvida, a incerteza, a reflexão: “Sentimos um desequilíbrio quando a norma escapa, quando a rotina se transforma. Paira aí a dúvida, não uma, várias. Será que está certo assim? Será que não falta nada?” (Diários de Aula).

Essa reflexão nos mostra que, da mesma forma que nos encontramos carregados de crenças e práticas condicionadas, que nos levam à acomodação, estamos constantemente nos deparando com o novo. Por isso, as representações sociais sobre o corpo, a dança, o que é uma universidade estão sempre em movimento; não podem ser como fotografias. “Acomodação/resistência/inação são tríades inseparáveis que nos dizem das representações humanas” (GUARESCHI; ROSO, 2014, p. 38).

A partir de novas realidades e encontros vão sendo construídos significados, conhecimentos: novas representações que vão chegando ou sendo criadas. Por isso, as representações sociais são processos complexos e dinâmicos, que são apropriados tanto na tradição como no encontro com o inabitual a todo momento. Esse encontro com o antigo e com o novo será significado por cada um de modo diferente, utilizando suas próprias histórias e afetos nos encontros. Contudo, tanto quanto somos afetados, afetamos e construímos novas

representações. É neste sentido que as representações sociais serão constituídas tanto por meio da interação social quanto das experiências singulares (MOSCOVICI, 2013). Como afirma Guareschi (2000, p. 250), a representação social “está na cabeça das pessoas, mas não é a representação de uma única pessoa; para ser social ela necessita ‘perpassar’ pela sociedade, existir em certo nível de generalização”.

O estranhamento do primeiro dia foi generalizado pela força dos modelos estáveis de vivenciar a universidade. O novo e o vazio sacudiram realidades dadas, criaram movimentos, rodopios, resistências, reforços e surpresas. Em alguns diários há relatos diante da vivência insólita na universidade: “Pensei que não poderia ser real o que eu estava vivenciando em plena UFSM”, “[...] me senti como se estivesse em outro mundo e não no meu, em que sou acostumada” (Diários de Aula).

Em volteios, aos poucos, vai condensando e possibilitando o seu nascimento

As representações facilitam o entendimento, a comunicação, a familiaridade com o mundo. O novo foge aos sentidos, surpreende, desestabiliza. Para Moscovici (2013), no momento em que desestabiliza, busca ancorar-se em outras representações, um retorno à estabilidade, no conhecido ou familiar. Ancoramos, pois não conseguimos ficar no vácuo, no vazio. O não fazer sentido de algo estranho faz que imagens ou situações comuns sejam procuradas, isto é, reconhece-se, compara-se ou interpreta-se a partir de alguma ideia ou contexto familiar, situando-se. Esse mecanismo foi denominado Ancoragem por Moscovici (2013). No primeiro dia de aula, houve alguns estranhamentos com o espaço, com o método e com o iniciar de uma disciplina. Disso, depreenderam-se reflexões, aprendizagens, criações, assentando as sensações:

Senti falta de conhecer o grupo [...]. Senti falta de uma apresentação inicial [...]. Seria uma outra proposta de apresentação enquanto corpos dançantes que compõem uma mesma roda. Com isso aprendi que estamos muito viciados/viciadas a uma rotina, desde as tarefas diárias até pequenos detalhes (Diários de Aula).

Assim, aos poucos, alguns estudantes foram mergulhando e ancorando no que era conhecido, com a possibilidade de pensar, interpretar, comparar, criar e fazer nascer outras formas de representação. No decorrer do semestre, algumas temáticas tornaram-se bem familiares para todos, como, por exemplo, os elementos fogo e terra. Contudo, cada um ancora-se na familiaridade que a experiência proporciona:

Sentir a terra mesmo estando num lugar fechado foi mágico, pois toda a aula eu me via num campo, sentia a terra úmida embaixo dos meus pés, escapando dos dedos das mãos. Dançar o elemento fogo em uma noite tão fria [...] foi algo incrível. Meu corpo ficou muito aquecido, vibrava internamente em razão do calor interno e externo produzido. A sensação era de verão a 40°C (Diários de Aula).

Ancorando no que se conhece do fogo, permite-se que ele aqueça, vibre, brilhe, queime, sem a sua presença física, assim como o tema infância, com o qual surgem várias ancoragens

de um tempo remoto de saudade, magia, liberdade, proteção dos adultos, pais e do mundo, simplicidades, brincadeiras:

[...]tive um sentimento de proteção de quando era criança e me sentia protegida pelos meus pais. Foi encantador; A magia inundou meu ser; o sentimento maior foi de nostalgia. Sensação de saudade, querer voltar no tempo, voltar a ser criança, quando bastava o sol lá fora e tudo se resolvia (Diários de Aula).

Da ancoragem surge o mecanismo de Objetivação, denominado por Moscovici (2013), que consiste em “transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (p. 61). Assim, primeiro estranha-se um objeto, fato ou pessoa, depois ancora-se em algo que seja conhecido e, em seguida, a ancoragem é reproduzida nos objetos concretos, nos quais podemos tocar, além de ver, controlar e agir. Algo desconhecido e novo torna-se familiar através dos processos de ancoragem e objetivação.

Nesses relatos, presenciamos as sensações sendo ancoradas em outras formas, espaços e sentidos (objetivadas): “[...] era quase possível voar. Não sentia o chão. Estava me movendo contra o vento, em meio às árvores, mas não no chão, lá no alto, de galho em galho, como os passarinhos que por ali voavam” (Diários de Aula). Objetivam-se, desta forma, sensações e sentimentos em vento, árvores, galhos e passarinhos, em voar, movimentar-se, sair do lugar ou ficar, em outros sentimentos. Transformam-se os pensamentos e as ações em objetos, mas não em qualquer objeto: objetos que fazem sentido, e, nesse caso, há uma objetificação relacionada à natureza, como se houvesse um retorno ao que há de mais primitivo: “Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal” (MOSCOVICI, 2013, p. 58). Saímos do “Caos”, rodopiamos e fazemos nascer outras possibilidades.

Dançando, nasce Gaia, a criadora de quase todos os seres futuros, a deusa que dá origem à vida

Se a universidade é um espaço para desenvolver principalmente o pensamento, o raciocínio e a razão, a dança circular acaba por se tornar, para os estudantes, uma dimensão principalmente para sentir, experimentar-se. A dicotomia razão *versus* emoção que nos acompanha há alguns séculos aparece nos relatos das aulas e diários. A dualidade se mantém em destaque. Percebemos que os pensamentos atrapalham a experiência do sentir, do fluir, e levam ao erro:

Pensei demasiadamente, erreí todos os passos, não consegui acompanhar a sequência dos movimentos; [...] pensei muito nos passos, não consegui deixar a dança fluir, fiquei voltada para o concreto, preocupada em decorar as sequências (Diários de Aula).

Da mesma forma, podem despertar reflexões sobre as velhas dicotomias, sobre a razão *versus* emoção, sobre a sua separação e união, sobre o papel da ciência nesta divisão:

Somos um corpo, mas não nos conhecemos por completo. A unidade foi partida para o “bem” da ciência. Agora é difícil juntar os pedaços. [...] Não adianta ter fé se não sentimos. Tudo vai se encaixando, dentro e fora das aulas... realmente é possível perceber efeitos das rodas no decorrer da vida afora. O pensamento só é válido com o sentimento (Diários de Aula).

Para Arruda (2014), os afetos estão intimamente ligados com a representação, pois para existir a representação de objetos, pessoas, acontecimentos e fenômenos é preciso que as pessoas sejam capturadas pelo afeto. Podemos pensar que o fato de ser mantida longe da universidade qualquer forma de se afetar potencializa que novas representações não apareçam, fortalecendo as resistências às mudanças ou a sua estagnação. A autora acredita que “não se representa socialmente aquilo que é indiferente, aquilo que não provoca o desejo de comunicação, de falar a respeito, de compreender” (ARRUDA, 2014, p. 44).

As vivências fizeram aparecer algumas reflexões, aprendizagens. E, como afirma Guareschi (2000), a prática e o conhecimento estão intimamente ligados, experiências novas geram novas aprendizagens, e, assim, novas teorias são formuladas. Em alguns relatos, presenciamos o quanto os estudantes acreditam que na universidade as teorias sobressaem às práticas e experimentações:

Nesta disciplina nós aprendemos na prática. Nas outras, decoramos os conceitos. Nós temos que decorar o que é vínculo, empatia, grupo. Agora eu sinto que aprendi e foi tão simples; a universidade é um lugar pra pensar, não para experimentar (Diários de Aula).

Firmando-se no paradigma dominante, a universidade aprimorou-se na função pensamento/razão e ainda salvaguarda, de certa forma, a não consideração de outros saberes. Na universidade, predomina a disponibilidade da vida na biblioteca, nas prateleiras, nos livros, nos *laptops*. A vida, com suas vivências emocionais, sensíveis, lúdicas, corporais, interativas, culturais, ambientais, acaba por ser, na sua maioria, virtual, desconectada, decorada. Como pontua Mosé (2013), “se não houver vida naquilo que aprendemos, então não há educação, formação e muito menos aprendizagem” (p. 82).

Um dos aspectos que permeia a potencialidade da dança circular é o experienciar do eu-outro-mundo. Nesta prática, em que se forma uma roda só, todos têm o mesmo objetivo coletivo: a dança. Contudo, cada um pode ter o seu objetivo pessoal: dançar, meditar, aprender, autoconhecer-se, concluir uma disciplina, etc. Nos relatos, são inúmeras as reflexões sobre eu-outro, sobre o grupo, o sentimento de pertença, de apoio, de empatia, de vínculo, do aprendizado em convivência:

Pude sentir a troca, ou melhor, a soma e interação de energias, de sentimento e de fortalecimento do grupo como um todo. Aprendi a importância dessa parceria com o outro, na beleza da unidade, [...] na potência do todo que em conjunto constituía um só movimento [...] como se todos fôssemos um só, senti o grupo fortalecido, unido na roda; raramente as pessoas se olham nos olhos hoje em dia [...], a partir do momento em que olhos se encontram, acontece uma comunicação, existe uma relação, um envolvimento. Viver em coletivo é isso, é um olhando para outro, para o outro, com o outro; Na maioria das vezes a gente está perto do outro, mas ao mesmo tempo tão longe; dançando [...] a gente se permite olhar no olho, encostar no outro, tocar, segurar a mão, sentir a energia do outro (Diários de Aula).

O que deciframos como outro, da mesma forma, é vivenciado nas experimentações de outras culturas. É importante ressaltar que não se trata de uma teatralização ou encenações, são formas sutis de vivenciar os povos. Ouvir as músicas, entrar nos ritmos, posturas e passos, nas histórias e símbolos. Um exemplo é as danças africanas. Nessa cultura, há espontaneidade e agilidade: a cabeça, os braços, os pés encontram-se em movimento. A sensualidade, a vitalidade e a força física são constantemente evocadas nos passos, nos ritmos. As batidas dos instrumentos são fortes, agitadas e marcadas. Muitas vezes, os temas são ligados à natureza. Características que podem nos fazer sentir a cultura, ora lembrando e reforçando as representações que temos dela, ora construindo novas aprendizagens e significações. Afetar-se nos encontros e experimentações das outras culturas pode nos fazer questionar, refletir sobre o “outro”, o cuidado, a integração, o reconhecimento dos povos, da natureza, do planeta. A seguir, podemos ver alguns dos relatos sobre o experimentar de outros povos:

Estimula o respeito à diversidade, aos outros povos, afinal, somos todos um; [...] é preciso respeitar as culturas, o que é diferente de nós. [...] Conheci um pouco sobre as mulheres guerreiras. A dança tem tons fortes, passos fortes. Nesta dança percebi a importância do outro; [...] cada passo me remeteu à força do povo africano. Um sentimento de agradecimento desse povo, [...] que possui riqueza cultural e espiritual. Acho a cultura africana muito interessante, apesar de ser frequente em nossa sociedade ainda é vista com muito preconceito, e sei que de certa forma também carrego comigo este preconceito; aprendemos como respeitar, cuidar, conviver. Vivenciamos a diversidade e honramos as diferenças; aprendi que todas as religiões tem que ser respeitadas, que todos têm que ter seu tempo e seu espaço (Diários de Aula).

Ao fazer uma leitura psicossocial dos relatos, podemos perceber que os estudantes tiveram a oportunidade de acessar outras culturas, experienciando-as no corpo, na sensibilidade. É um acesso que não tem como veículo principal o pensamento, mas sim o corpo, o afeto, o sentir, o pulsar, o olfato, a imaginação; um acesso de se tornar, incorporar, respirar as tradições com seus símbolos, alegrias e dores. Tornaram-se o próprio instrumento da aprendizagem. Tornaram-se esse outro, tendo a oportunidade de nutrir-se com as representações dos seus rituais e símbolos que os emocionam ou emocionaram. Foi disponibilizado o diálogo, por meio do qual alguns preconceitos puderam ser reconhecidos e refletidos, fronteiras quebradas, divisas diminuídas e diálogos abertos, podendo nascer possibilidades de ser e estar no mundo.

Mas a participação dos estudantes numa disciplina “inusitada” também propiciou que algumas representações sobre a própria universidade entrassem em curso:

[...] esta (disciplina) marcou minha rotina cotidiana, influenciando o entendimento do eu nas vivências, decisões e relações com os outros e com a natureza, deixando marcas relevantes e positivas para toda a minha vida pessoal, profissional e principalmente na perspectiva relacional; aprendi [...] sabedorias para a vida. Elementos da natureza, por que isso não é ensinado na escola? Como poderia ser? O que as crianças realmente precisam aprender? (Diários de Aula).

Como questiona Mosé (2013), “o que é educar no século XXI? O que é realmente importante aprender?” (p. 32). A escola é fragmentada, as pessoas são fragmentadas, não interessando o pensamento na unidade, nas questões humanas e planetárias. “A fragmentação

do pensamento e do saber é o modo mais eficiente de controle social, quer dizer, da submissão de pessoas a um modelo excludente de sociedade” (MOSÉ, 2013, p.52). Segundo a autora, a contemporaneidade exige, cada vez mais, a inconformidade com a verdade e o desafio da instabilidade e da incerteza. Concluindo que o mundo precisa de pessoas criativas, bem formadas, ousadas, que se sintam estimuladas diante dos desafios, saibam lidar com conflitos e trabalhar em grupos.

Conclusão: o caos, a dança e a vida

Neste artigo, buscamos conhecer como as experiências da disciplina das danças circulares afetam o sujeito no contexto universitário. O contato com a disciplina e os relatos dos diários possibilitaram compreender, em primeiro lugar, que os métodos da disciplina de dança circular estranham-se com métodos hegemônicos da universidade, não se afinam com o império do paradigma predominante.

Na universidade, sabemos como nos comportar e sermos compreendidos pela instituição, pelos funcionários, professores, acadêmicos, pelos espaços e normas. Na universidade, a prática da dança circular tende a sentir resistências e estranhamentos, porém, tende a ser mais confiável somente pelo fato de estar neste espaço hegemônico. Desperta, nesta posição, maior credibilidade, pelo respeito nas produções de conhecimentos fidedignos à instituição, por exemplo, instigando interesses e pesquisas pelos estudantes: alguns trabalhos em eventos, de conclusão de curso, de especialização e de mestrado foram e estão sendo desenvolvidos. Na universidade, a dança circular repercute estranhamentos e, da mesma forma, pesquisas e multiplicação de conhecimento com crédito. Não é difícil imaginar que a credibilidade do saber da instituição, dos professores e da aprendizagem, na universidade, abra portas para entregas e experimentações. No mesmo passo, são criados desafios para a pesquisa, na medida em que os relatos e participações dos acadêmicos são marcados e podem ser guiados pelas expectativas em relação à avaliação da disciplina e da universidade e ao docente.

Contudo, os estranhamentos e as reflexões críticas de alguns condicionamentos permitiram aos acadêmicos integrarem-se a outras sensibilidades e movimentarem certas representações sociais. Percebemos nas vivências e nos relatos que buscaram-se a convicção nos seus próprios sentimentos e sensações, a participação nos processos de aprendizagem, o uso do próprio corpo e do grupo para se permitir experimentar, a disponibilidade para conhecer por meio dos saberes práticos e tradicionais dos povos e a entrega nos encontros com outro (grupo, cultura, mundo). Também observamos a revisão dos métodos da ciência e da universidade e a dialogicidade da aprendizagem com a vida lá fora.

Aqui, nos limitamos a abordar as vivências de dança circular em uma disciplina. Contudo, sabemos que na universidade existem diversas práticas preocupadas com as questões humanistas, culturais e de transformação da sociedade e que dentro desse universo ainda há diversas matizes a serem percorridas. Neste sentido, o relato aqui apresentado, derivado de uma pesquisa, almeja contribuir com a crítica em relação às formas de ser e estar na universidade, apostando em práticas e reflexões que fazem tentativas de criar espaços para experiências simbólicas, artísticas e sensíveis que possibilitem outros modos de relação consigo, com o outro e com o mundo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, P. C.; SOUZA, V. L. T. Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 19, n 2, p. 359-368, 2015.
- ARENDDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2014.
- ARENDDT, H. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.
- ARRUDA, A. Representações Sociais: dinâmicas e redes. In: SOUSA, C. P. S. et al (Org.). *Angela Arruda e as Representações Sociais: estudos selecionados*. Curitiba: Fundação Carlos Chagas, Champagnat Ed. PUCPR, 2014. p. 39-66.
- BRASIL. LEI Nº. 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 27 de agosto de 1962. Seção 1, p. 9253. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119> Acesso em: 24 de setembro de 2017.
- BRASIL. *Portaria n 849, de 27 de março de 2017*. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. *Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil*, Brasília,DF, 27 de mar de 2017. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/prt_849_27_3_2017.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2017.
- COSTA, L. A.; ZANELLA, A. V.; FONSECA, T. M. G. Psicologia social e arte: contribuições da revista *Psicologia & Sociedade* ao campo social. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v.28, n. 3, p. 604-615, 2016.
- ELLMERICH, L. *História da dança*. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.
- GARAUDY, R. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUARESCHI, P. Representações Sociais: Alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO-SCHOLZE, C. (Org.) *Novas Contribuições para a Teorização e Pesquisa em Representação Social*. Florianópolis: Coletâneas da ANPEPP 10. 1996.
- GUARESCHI, P. Representações Sociais: Avanços Teóricos e Epistemológicos. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 249-256., 2000.

GUARESCHI, P. *Psicologia social crítica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GUARESCHI, P.; ROSO, A. Teoria das Representações Sociais – Sua história e seu potencial crítico e transformador. In: CHAMON, E. M. Q. O.; GUARESCHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F. (Org.) *Textos e debates em representação social*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014. p.17-40.

JOVCHELOVITCH, S. *Contextos do saber*. Representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MOSÉ, V. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PORTINARI, M. *História da dança*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989.

RENGEL, L.; LANGENDONCK, R. V. *Pequena viagem pelo mundo da dança*. São Paulo: Ed. Moderna, 2006.

SAHTOURIS, E. *Gaia: Do caos ao Cosmos*. São Paulo: Integração, 1991.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: O Social e político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento; 1999.

SANTOS, B. S. *A Universidade no século XXI*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

WOSIEN, B. *Dança: um caminho para a totalidade*. São Paulo: Triom, 2000.

DISCUSSÃO

Esse capítulo tem como objetivo realizar uma discussão sintética dos dois textos que esta dissertação de mestrado frutificou. Estes abordam o tema da Dança Circular aliada a um posicionamento ético-político da Psicologia Social Crítica. Apesar de discutirem o mesmo tema com vieses que se encontram e dialogam, são distintos. No primeiro texto, foram propostas reflexões sobre entrelaçamentos da prática de danças com a política na interface com certas cosmovisões. Para tanto, exploramos os três diferentes paradigmas que regem a nossa sociedade, segundo Pedrinho Guareschi (1998, 2008): paradigma liberal capitalista, paradigma coletivista-totalitário e paradigma comunitário-solidário. Ainda que tenhamos consciência de que estes paradigmas são assim “divididos” pelo autor para melhor explicar e contextualizar os contextos sócio-históricos, econômicos e políticos que rondam nossas existências, eles contribuíram para pensarmos sobre as visões de mundo, os comportamentos e as relações que eles geram. Em seguida, discutimos a relação da dança com o pensamento político de Hannah Arendt (2015, 2014, 2013, 2006, 2001) e os diferentes paradigmas, descritos por Guareschi. E, por fim, exploramos os aspectos que nos auxiliam a pensar as potencialidades políticas nas práticas das danças circulares, de modo a problematizar as danças circulares como potência política.

Neste estudo, percebemos que existem anseios para uma busca de relações baseadas na alteridade, em conexões de afetividade e interesses em comum com outros, nesse século, como pontua Maffesoli (2006) e Dubner (2015). O enfoque do paradigma comunitário-solidário seria uma possibilidade de almejar esses anseios. E desta maneira, pensamos que a dança circular tem o potencial para orientação e reorientação de novas práticas por ser uma atividade que está em expansão no mundo (BARTON, 2012) e tem como proposta o despertar dos sentidos comunitários e singulares nas rodas (WOSIEN, 2000). Neste viés, esta se aproxima dos preceitos do paradigma comunitário-solidário, podendo criar contornos que contribuam para transformação das visões de mundo, que por sua vez, se aproxima da política, descrita por Arendt (2006). Na sua teoria, a autora sugere que as pessoas possam pensar e terem espaços públicos para dialogarem e terem decisões sobre seus modos de existência. A política só poderia ser produzida em conjunto, na pluralidade.

O segundo texto objetivou conhecer como a experiência da prática das danças circulares, em uma disciplina de graduação do Curso de Pedagogia, afetam o sujeito no contexto universitário. Contando com elementos da Teoria das Representações Sociais e da perspectiva crítica da Psicologia Social, buscamos, especificamente, compreender de que formas as

vivências na disciplina abre novos possíveis para os acadêmicos. Por meio de relatos de diários de aula dos estudantes e diários de campo das pesquisadoras, percebemos que as experiências da disciplina movimentam representações sociais e possibilitam surgir experiências sensíveis tanto na universidade, como de ser e estar no mundo.

Apesar dos objetivos dos dois artigos serem distintos, eles se aproximam na composição da dança circular inventar novos afetos e construir mundos, novas possibilidades. Esta pesquisa, neste sentido, almeja contribuir com a reflexão crítica em relação às formas de ser e estar, seja no mundo, na psicologia, na universidade, pensando na construção de espaços que possamos dialogar e desenvolver a alteridade e a pluralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para sonhar tão longe, será suficiente ler? Não será necessário escrever?
(Bachelard, 1988, p. 49)

Por falar em rituais, finalizar a dissertação é passar por mais um portal e, este vislumbra o encerramento. A conclusão da dissertação sinaliza o fechamento desse ciclo incrível, que passou, voou. E voando também foram inúmeras expectativas para bem longe, para fora, para dentro, para melhor. O encontro do meu tema de pesquisa com a minha prática profissional - psicóloga, que também trabalha com as danças circulares - criou-se, e cria ainda mundo inimagináveis. Realmente, não foi suficiente ler, mas nem tão pouco somente ler e escrever. Nessa trajetória, foram encontros de leituras, escritas, discussões, debates, supervisões, orientações, silêncios, práticas e sonhos. Posso, por assim, afirmar que o mestrado contribuiu para buscas não somente de me tornar mestre, mas me aprimorar como psicóloga, artista, dançarina, discente, docente, pesquisadora e pessoa em relação. Contudo, este mesmo motivo, ser focalizadora de dança circular, criou muitos desafios de pesquisa, de estar imersa, de ficar sempre dentro, de não tomar distâncias do fazer, se emocionar e pesquisar.

Política, abriu-se caminhos no grupo de pesquisa do mestrado. Afastada de querer ouvir política por muitos tempos, tive um encontro com os estudos de Hannah Arendt, que me fez perceber que não só o meu modo de ser e estar no mundo é político, mas que meu trabalho como psicóloga, arteterapeuta e focalizadora de danças circulares tem enormes potencialidades políticas para mim e para quem reverbera. A partir dos retornos trazidos pelos participantes dos círculos sobre outras visões de mundo, construções de mundo, criações de mundo despertou em nós curiosidades sobre a potência política das rodas. A universidade foi um caminho incrível de reverberações, não somente pelo fato de poder fazer pesquisas, realizar o mestrado e de ter uma disciplina de dança circular na pedagogia disponível para experimentações, mas também como surgiram e ainda surgem inúmeros convites para focalizar as danças circulares desde que entrei no mestrado. Na universidade, em 2016, foram feitas 15 rodas e em 2017, foram feitas 31 rodas em diversos cursos e espaços: nos cursos de Biologia, Artes e Letras, Terapia Ocupacional, Relações Internacionais, Pedagogia, Enfermagem, Dança, Psicologia, em cursos de formação, congressos, semanas acadêmicas, projetos e movimentos estudantis.

Estar na universidade propiciou levar na prática muitas reflexões que puderam ser vivenciadas e sentidas por muitas pessoas, contribuindo para emocionar minha vida e meu mestrado e me fazer seguir em frente com muito entusiasmo, mesmo que com véus. A partir

dos textos elaborados em formato de artigos, é com a mesma felicidade reconhecer que poderão serem espalhadas algumas das nossas elaborações sobre esse universo enorme e profundo. Contudo, mesmo finalizando, ficam muitas portas abertas, fica a sensação que falta experienciar muitas rodas, livros, debates e pesquisas, falta, e parece que não é possível ter um fim. Parece ser um caminho. Passagens.

Tentamos realizar um encontro da Psicologia Social Crítica, da Teoria da Representações Sociais e das danças circulares. Ainda que estas aproximações sejam complexas, percebemos que nestes enfoques, a singularidade e o social caminham juntos, na interação. No qual o sujeito não pode ser sozinho, é coletivo, imerso em relações cotidianas e, ainda, às construções sócio-históricas. Deixamos esse encontro, como sugestão de pesquisas, pois apetece continuções, novos percursos e sonhos.

Esperamos desta forma, que este estudo, contribua para pesquisas, inspirações e reflexões de construções de novos possíveis sejam nas danças, na política, em visões de mundo, na universidade, na psicologia, na vida. Com essa expiração que dói e alegra, encerra-se mais uma etapa da vida. E, provavelmente, na inspiração, começa outra...

REFERÊNCIAS

- AATESP - Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/AnaisIII-ForumPaulistaArteterapia.pdf>. Acesso em: 24 de junho de 2016.
- ANDRADA, P. C de; Souza, V. L. T. de. Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n 2, 2015, pp. 359-368.
- ARENDT, H. **Crise da República**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2014.
- ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013
- ARENDT, H. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- ARENDT, H. **Sobre a Revolução**. Lisboa: Relógio D`Água, 2001.
- ARRUDA, A. Representações Sociais: dinâmicas e redes. In: SOUSA, C. P. de S. et al (Orgs.). **Angela Arruda e as Representações Sociais: estudos selecionados**. Curitiba: Fundação Carlos Chagas, Champagnat Ed. PUCPR, 2014, pp. 39-66.
- ARRUDA, A. Introdução. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 11-16.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARTON, A. **Danças Circulares: Dançando o Caminho Sagrado**. Volume I. São Paulo: Triom, 2012
- BRASIL. **LEI Nº 4.119, de 27 de agosto de 1962**. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119> Acesso em: 24 de junho de 2016.
- BRASIL. **Resolução 466/2012**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 12 dez. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 24 de junho de 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria n 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil. Brasília, 28 de mar de 2017. Disponível

em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/prt_849_27_3_2017.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2017.

CASTRO, A. L. Culto ao corpo, e estilos de vida: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea. **Perspectivas: revista de ciências sociais**, v. 31, 2007, pp. 137-168.

CASTRO, E. Dança, Corporeidade e Saúde Mental: Experimentações em Terapia Ocupacional. In: ARCURI, I (org). **Arteterapia de Corpo e Alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, pp. 239 – 277.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 016/2000**, de 20 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF, 2000. Disponível em <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/qualidade/Cfp16-00.pdf>. Acesso em: 24 de junho de 2016.

DUBNER, D. **O poder terapêutico e integrativo da dança circular**. São Paulo: Ottoni Editora, 2015.

GAUER, G. et al. Terapias alternativas: uma questão contemporânea em psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 17, n. 2, 1977, pp. 21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931997000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia: Cartografias da Coragem**. Rio de Janeiro: Wak, 2013

FRANCES, L.; BRYANT-JEFFERIES, R. **Dança Circular Sagrada e os Sete Raios**. São Paulo: Triom, 2004.

FRACOLLI, L. A.; ZOBOLI, E. L. P., GRANJA G.F., ERMEL R.C. Conceito e prática da integralidade na Atenção Básica: a percepção das enfermeiras. **Rev Esc Enferm USP** 2011; 45 (5): 1135-41. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a15 .pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a15.pdf). Acesso em: 24 de junho de 2014.

GUARESCHI, P. A. Ética e Paradigmas. In: PLONER, K. S; MICHELS, L. F.; SCHLINDWEIN, L. M.; GUARESCHI, P. A. (Orgs.), **Ética e paradigmas na Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, pp. 239 – 277. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/qfx4x>

GUARESCHI, P. Alteridade e relação: Uma perspectiva crítica. In: Arruda, A. (Org.), **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 149 – 161.

GUARESCHI, P.; ROSO, A. Teoria das Representações Sociais – Sua história e seu potencial crítico e transformador. In CHAMON, E. M. Q. de O.; GUARESCHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F. (Orgs.). **Textos e debates em representação social**, pp.17-40. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014

GUZZO, M. S. L.; SPINK, M. J. P. Arte, dança e política(s). **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n 1, 2015, pp. 3-12.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, v. 24, n 3, 2009, pp. 679-712.

JOVCHELOVITCH, S. **Contextos do saber. Representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOVCHELOVITCH, S. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 20-31, 2004. Disponível em: doi <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822004000200004>. Acesso em: 24 de junho de 2016.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas**. (4a. ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

REIS, A. C. dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 1, 2014, pp. 142-157. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932014000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de agosto de 2016.

ROLNIK, S. Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. **Concinnitas**. Rio de Janeiro, v. 01, n. 26, 2015, pp. 104-112. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/20104/14402>. Acesso em: 24 de agosto de 2016.

ROLNIK, S., O Corpo Vibrátil de Lygia Clark. In: *Metamorfose do Corpo*. Caderno MAIS. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 de abril de 2000.

ROSO, A. O cotidiano no campo da saúde: Ética e responsabilidade social. In: GUARESCHI, P.; VERONESE, M.. (Org.). **Psicologia Social do Cotidiano - representações sociais em ação**. 1ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, v. 1, p. 119-146.

SPINK, M. J. P. **Psicologia Social e Saúde: Práticas, Saberes e Sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

STEN, M. **Ponte a bailar tú que reinas: Antropología de la danza prehispánica**. México: Joaquín Mortiz, 1989.

TAVARES, F. R. G. Legitimidade Terapêutica no Brasil Contemporânea: As Terapias Alternativas no Âmbito do Saber Psicológico. **PSYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n 2, 2013, pp. 83 – 104.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, A., COURTINE, J., VIGARELLO, G. **História do corpo: Da Renascença às luzes**. Petrópolis: Vozes, cap. 4, 2012, pp. 303 – 400.

WOSIEN, B. **Dança: um caminho para a totalidade**. São Paulo: Triom, 2000.